



**Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE**

KAMILA ARAUJO DE LIMA

**A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA
CRIANÇA LEITORA: a experiência no projeto LeiA**

**BRASÍLIA – DF
2019**



**Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE**

KAMILA ARAUJO DE LIMA

**A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA
CRIANÇA LEITORA: a experiência no projeto LeiA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues.

**BRASÍLIA – DF
2019**

TERMO DE APROVAÇÃO

KAMILA ARAUJO DE LIMA

A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA: a experiência no projeto LeiA.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, constituída por:

Prof^ª. Dr^ª. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Orientadora FE/UnB)

Prof^ª. Dr^ª. Paula Gomes de Oliveira (Examinadora FE/UnB)

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro Alves (Examinadora SEEDF)

**BRASÍLIA – DF
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiríssimo lugar a Deus e a nossa Senhora, por nunca terem me desamparado em nenhum momento da vida.

Agradeço também a minha família que tanto me serviu de alicerce e força para seguir nessa jornada que foi passar pela universidade e poder finalmente estar aqui vivendo mais uma etapa com grande êxito.

À minha pequena Laura, que tanto me fortalece diariamente com seu amor e carinho para com esta mãe que muitas vezes se deu por vencida pelo cansaço, mas que lutou com bravura para chegar até aqui.

À minha irmã Maria Fernanda que tanto me ajudou e ajuda na jornada de ser mãe e também estudante, que tanto me auxiliou nos cuidados à minha pequena.

Agradeço também ao meu grande amor Hiago Usliam, que chegou à minha vida apenas para somar alegrias, com o seu carinho, atenção, respeito e principalmente com todo seu apoio.

À minha professora e orientadora Maria Alexandra Militão Rodrigues pela mulher que ela é, pelo carinho, pela sensibilidade e principalmente pela sua imensa atenção e cuidado para com seus orientandos, por sempre extrair o máximo de cada um de nós e também por não nos permitir a desistência dessa linda e irreverente passagem pela universidade, nossa segunda casa.

Agradeço em especial à instituição UnB, por me oferecer todo o suporte para que eu pudesse chegar até aqui, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas.

Aos grandes mestres que tive a imensa sorte de ter como exemplos e construtores de saberes que hoje também são meus.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa propõe-se a refletir acerca das contribuições da literatura infantil e da leitura literária no processo de formação da criança leitora, em contexto informal de uma realidade socioeconômica desfavorecida, no município do Novo Gama (GO). Buscou-se despertar nas crianças o hábito de ler, favorecendo uma relação de interesse por este universo. Para que o objetivo proposto pudesse ser alcançado, foi realizada uma pesquisa-ação de cunho qualitativo, tendo como ponto de partida as experiências vivenciadas no Projeto de Extensão LeiA, da Universidade de Brasília. Foram realizadas oficinas de contação de histórias e desenvolvidas atividades baseadas nas narrativas apresentadas. Ao se construir cenários, estratégias e recursos pedagógicos de leitura, buscou-se desenvolver um trabalho educativo gerador de participação, colaboração e criação dos alunos com relação às narrativas e atividades apresentadas nas oficinas. Finalmente, foi possível perceber que as quatro oficinas de contação de histórias narradas e analisadas geraram uma aproximação das crianças ao universo literário, contribuindo para a formação de pequenos leitores mais autônomos, competentes e interessados pela leitura literária.

Palavras Chave: Literatura infantil; Formação de crianças leitoras; Contação de histórias; Projeto LeiA.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 Recepção das crianças no projeto.....	49
Imagem 2 Expositor de livros.....	49
Imagem 3 Narrativa do dia.....	50
Imagem 4 Momento da contação da história.....	51
Imagem 5 Momento da escolha dos livros para leitura.....	52
Imagem 6 Momento em que o grupo localiza a primeira pista.....	53
Imagem 7 Tesouro encontrado!.....	54
Imagem 8 Desvendando o tesouro!.....	54
Imagem 9 Nossa recompensa.....	55
Imagem 10 Livro “As tranças de Bintou”.....	57
Imagem 11 Confeção das Abayomis.....	58
Imagem 12 Apresentação da narrativa.....	59
Imagem 13 Confeção das Abayomis junto às crianças.....	60
Imagem 14 Confeccionando minha própria Abayomi.....	61
Imagem 15 Grande dragão.....	64
Imagem 16 Escolha dos livros.....	67
Imagem 17 Momento de explorar os livros.....	67
Imagem 18 Encerramento da nossa oficina.....	68
Imagem 19 Livro “Uma traça sem Graça”.....	70
Imagem 20 Apresentação dos personagens.....	72
Imagem 21 Apresentação das Traças.....	73
Imagem 22 Momento da realização da atividade com as telas de pintura.....	74
Imagem 23 A autora Regina Célia fazendo entrega de pipocas ao final da oficina.....	75

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
Parte I – MEMORIAL.....	12
Parte II – MONOGRAFIA.....	21
INTRODUÇÃO.....	22
CAPITULO I - LITERATURA INFANTIL E LEITURA LITERÁRIA.....	24
1.1 Algumas considerações sobre literatura infantil.....	24
1.2 O que é leitura literária?.....	27
CAPITULO II - A FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA.....	31
2.1 O papel da literatura infantil na formação da criança leitora.....	31
2.2 Os gêneros literários e a relação com o leitor.....	33
CAPITULO III - O PROJETO LeiA: CENÁRIOS, ESTRATÉGIAS E RECURSOS PARA DESPERTAR NA CRIANÇA O INTERESSE PELA LEITURA LITERÁRIA.....	38
3.1 O que é o projeto LeiA?.....	38
3.2 Breve histórico.....	39
3.3 Fundamentos e diretrizes pedagógicas.....	40
3.4 Objetivos.....	40
CAPITULO IV- METODOLOGIA.....	42
4.1 Contexto da pesquisa.....	42
4.2 A pesquisa-ação.....	43
4.3. Os sujeitos.....	44
4.4 Os instrumentos.....	45

CAPITULO V - REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO PROJETO LeiA.....	47
5.1 – OFICINA I: Caça ao tesouro.....	47
5.2 – OFICINA II: Também sou protagonista!.....	56
5.3 – OFICINA III: Onde vivem os livros?.....	62
5.4 – OFICINA IV: Traçando histórias: o incrível mundo da leitura!.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	81

APRESENTAÇÃO

O seguinte trabalho monográfico está estruturado em três partes: Parte I, Memorial; Parte II, Monografia; e Parte III, Perspectivas Profissionais.

O Memorial referente à primeira parte traz um breve relato sobre minha trajetória de vida enquanto filha e estudante. Nele, resgato algumas memórias educativas ao longo de toda a minha passagem pelo universo escolar até os dias de hoje, trazendo reflexões acerca dos acontecimentos mais relevantes e que foram fundamentais para a minha formação enquanto professora e educadora.

A segunda parte do trabalho, Monografia, foi dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo, “Literatura Infantil e Leitura Literária” faço algumas considerações sobre literatura infantil e também sobre o conceito de leitura literária. Busquei expor os principais conceitos acerca destas duas grandes temáticas. No segundo capítulo, “A Formação da Criança Leitora”, falo sobre a relação da literatura infantil com o despertar do hábito de ler e faço um breve relato sobre a função dos gêneros literários para o desenvolvimento de tal comportamento. No terceiro capítulo, “O projeto LeiA: cenários, estratégias e recursos para despertar na criança o interesse pela leitura”, abordo o projeto em si, objetivos, suas principais propostas e funcionamento. Apresento também as formas de trabalho que adotamos para desenvolvermos atividades por meio da leitura de literatura infantil.

No quarto capítulo, “Metodologia”, apresento como foi realizada a pesquisa e os instrumentos utilizados para se alcançar os objetivos propostos. Explico também o contexto do projeto, sua dinâmica e funcionamento, bem como a realidade dos sujeitos participantes.

No quinto capítulo, “Reflexões acerca do trabalho desenvolvido no Projeto LeiA” foram feitas algumas análises e reflexões acerca das oficinas nos cenários pedagógicos criados pelos estudantes/participantes do projeto que proporcionaram aos alunos oportunidades de leitura e interação com a literatura infantil.

A terceira parte apresenta minhas perspectivas profissionais enquanto pedagoga e os caminhos que pretendo percorrer ao longo da minha vida profissional.

PARTE I
MEMORIAL

MEMORIAL

Minha história começa no ano de 1995 quando minha mãe, Maria do Carmo, decidiu me trazer a este mundo como primogênita de um casal de jovens que acabara de se casar. Nasci em quatro de janeiro de 1995 numa pequena cidade interiorana localizada no estado do Piauí, denominada Buriti dos Lopes. Meu pai e minha mãe são ambos naturais da cidade onde a vida de fato se iniciou para mim, porém não para eles, uma vez que eles já tinham toda uma história de vida relacionada com a cidade.

Quando completei um ano de vida, ainda morando na mesma cidade, meu pai, Antônio Porfírio, decidiu que, com a minha chegada, a família chegaria também às responsabilidades de ter um bebê em casa. A partir deste dia tudo mudou. Meus pais então decidiram que a família teria que se mudar para um lugar onde as expectativas de vida fossem melhores do que aquela realidade em que eles se encontravam, pois as dificuldades eram constantes e a falta de emprego também.

Lembro-me que minha mãe certa vez me disse que sempre trabalhou: começou cedo, aos onze anos de idade. Trabalhava em casa de família, não ganhava muito, porém o que ganhava sempre procurava compartilhar com o restante da família e ajudava no que podia. Nunca me esqueci desse relato.

Mais um ano se passou e já estávamos morando na cidade de Ceilândia – DF, onde meu pai trabalhava como marceneiro, profissão que ele exerce até hoje com maestria. Minha mãe, nessa época, não trabalhava, pois tinha que cuidar de duas crianças, visto que, um ano após meu nascimento, meu irmão do meio Danilo chegou à família.

Nossa vida nunca foi um mar de rosas, principalmente no quesito financeiro, pois morávamos de favor em um barraco que nos era cedido pelo patrão do meu pai que, por coincidência ou não, ficava no mesmo lote da marcenaria que ele trabalhava na época. Fui criada nesse ambiente, rodeada de marceneiros amigos do meu pai e, entre um armário e outro, meus pais sempre arrumavam tempo para me ensinar a andar, como tive a oportunidade de ver algumas fotos dessa época e ouvir as respectivas histórias. Fiquei conhecida como “galeguinha do Porfírio” por sempre conviver em um ambiente de jovens marceneiros.

Cresci vendo meu pai criar móveis do zero, transformando velharias em peças únicas e nunca reclamando se um pouco de pó de madeira por acaso viesse a entrar em seus olhos. Meu irmão também foi participando de todos esses momentos, porém as recordações que tenho dele dessa época são pouquíssimas, uma vez que eu era bem pequena e ele só um bebê.

Moramos por uns bons anos em Ceilândia, até que meu pai ouviu falar pela primeira vez, através de uma amiga da família, sobre o lugar onde moramos hoje, Águas Lindas de Goiás. Aqui, era um lugar onde só existiam chácaras e mais chácaras, pouco conhecido, porém muito cobiçado por conta dos baixos valores dos lotes que existiam na época. Foi aí então que meu pai finalmente viu a chance de poder sonhar com um lugar só dele, e assim conquistar a tão sonhada casa própria.

Não demorou muito até que pudéssemos nos mudar para a nossa casa. Uma casa de verdade. Não se tratava de um barraco apertado feito de madeirite como o que passei parte da infância, e sim de uma casa com paredes de verdade. Ficamos muito felizes com tamanha conquista. Eu e meu irmão já éramos grandinhos quando isso aconteceu, lembro que nós dividíamos o mesmo quarto e isso sempre foi um barato pra mim, pois nunca gostei de ficar sozinha, até hoje não gosto.

A partir dessa mudança, nossas vidas de fato iniciaram-se. Meu pai acabou criando sua própria marcenaria e por muitos anos trabalhou por conta própria, com bastante demanda, pois ele sempre foi um homem muito caprichoso. Minha mãe voltou a trabalhar em casas de família como empregada doméstica e passou 10 longos anos exercendo tal ofício.

Desde que nos mudamos, a vida também nunca foi fácil, porém era melhor quando comparada a quando morávamos na minha cidade natal. Meus pais encontraram as melhores oportunidades tanto para eles como para mim e meus irmãos em todas as áreas de nossas vidas, principalmente na área educacional. Foi ali que tudo começou.

Lembro que no começo da rua onde moramos, até hoje, havia uma escola chamada Ciranda de Letras. Era uma escolinha particular de ensino infantil onde a maioria das crianças do bairro estudava. Meus pais sempre tomaram para si um velho dizer que carrega grande verdade e responsabilidade, que era “darei aos meus filhos tudo aquilo que não tive”, e eles levaram isso ao pé da letra! Sempre trabalharam duro para nos oferecer o melhor em tudo, ainda mais em se tratando de educação: era algo que ia além de um simples ditado.

Não demorou muito e logo estávamos matriculados na escolinha onde estudamos grande parte da infância. Mesmo se tratando de uma escolinha relativamente “barata” e mesmo sendo tão pequena, eu já podia perceber o quanto era satisfatório para eles saberem que os filhos estavam tendo tamanha oportunidade, estudar em uma escola de qualidade, pois nenhum deles poderia ter desfrutado de algo nem parecido.

Meu pai não pôde concluir os estudos, pois sempre teve que trabalhar desde muito cedo. Até chegou a frequentar a escola, mas não chegou a concluir o ensino fundamental, parou na oitava série. Porém, minha mãe concluiu o ensino médio já adulta. Hoje, posso

afirmar que minha mãe sempre foi meu maior exemplo de vida em absolutamente tudo, por conta de toda sua garra ao longo da vida e por ter enfrentado tantas barreiras, principalmente aquelas relacionadas a estudo.

Por já terem sentido na pele as dificuldades que surgem ao longo da vida, meus pais sempre fizeram questão de frisar a importância de se obter uma formação educacional de qualidade. Nunca mediram esforços para que as dificuldades por eles vividas nunca viessem a nos atingir algum dia. E pensando deste modo, a nossa jornada não pararia por aí.

A escola Ciranda de Letras foi o pontapé inicial na formação do nosso aprendizado e desenvolvimento enquanto alunos letrados. Foi nessa escola que aprendi a ler e a escrever e a partir de então comecei a escrever minha própria história.

Foram anos que jamais esqueci: professoras marcantes, amigos que trago comigo até hoje, experiências de vida. Alguns anos se passaram até que meu primeiro desafio enquanto estudante se debruçou sobre mim: mudança de escola. Confesso que foi algo que mexeu muito comigo, com os meus sentimentos, mas sabia que de um jeito ou de outro aquela mudança seria por um bom motivo. Ainda estudando na mesma escola, que na época havia mudado de nome - virou Colégio Ideal - vi meus pais não mais conseguirem pagar as mensalidades, pois com o passar dos anos e das séries o valor aumentava e bancar duas crianças já se tornara algo inviável, uma vez que passávamos por dificuldades relacionadas à falta de dinheiro.

Era chegado, então, um momento de mudança, tínhamos que estudar na escola pública. De início foi um baque tanto para mim quanto para o meu irmão saber que tínhamos que mudar de escola, porém tínhamos consciência de que era algo necessário.

Foi uma época difícil e uma decisão que mexeu bastante com meus pais, pois eles lutaram para que tivéssemos uma educação de qualidade em uma escola onde eles sabiam que tínhamos uma base em relação à escola pública. Porém, posso afirmar que esse período foi onde passei a admirar ainda mais a garra e a força de vontade dos meus pais para que eu e meu irmão sempre tivéssemos o melhor.

Fui então matriculada na escola pública, uma escola que também fica no bairro onde moramos até hoje, e o resultado não foi dos melhores! Não me adaptei à escola, não peguei o ritmo das aulas, me sentia frustrada como aluna e isso logo ficou perceptível. Os resultados ruins foram surgindo e eu só estava na quarta série do ensino fundamental. Não teve jeito, meus pais uma vez mais tiveram que intervir.

No mesmo ano, minha mãe que ainda trabalhava como empregada doméstica acabou criando com a sua patroa da época uma relação muito próxima, uma relação para além de

empregador e empregado. Foi a partir dessa relação que, mais uma vez, a minha vida e a vida do meu irmão passou por mais uma mudança.

Minha mãe sempre teve uma característica muito forte que é a de cativar as pessoas com quem ela se relaciona. Isso ela sempre carregou consigo e é algo natural dela. E foi através desse modo de cativar que ela contou nossa história para sua patroa na época e ela se dispôs então a nos ajudar. Eu costumo dizer que ela foi um verdadeiro anjo em nossas vidas.

A partir de então minha vida educacional passou por mais uma reviravolta. Ao todo, estudei um mês apenas na escola pública, pois logo fui novamente matriculada na escola onde estudava antes, a mesma escola que minha mãe não tinha condições de pagar nem para mim e nem para o meu irmão.

Dei início então à quarta série do ensino fundamental. Lembro-me que, pelo fato de ter chegado à escola já no meio do ano letivo, me sentia insegura em relação aos outros alunos, pois eles já se estavam bastante adiantados em muita coisa, muito conteúdo já havia sido visto, porém não deixei que isso viesse a me gerar um sentimento de inferioridade.

Todas essas mudanças trouxeram consigo muitas pessoas. Pessoas essas que ficaram em minha vida até hoje, amigos e professores que de certa forma ajudaram na minha formação como ser humano, como aluna.

Foi na quarta série que conheci minhas melhores amigas, Daniele e Thaís. Elas estão presentes em quase toda minha trajetória de estudante. Somos melhores amigas até hoje. Na época em que estudávamos juntas criamos um grupo e o denominamos “KDT”, Kamila, Daniele e Thaís, a partir daí foram muitas experiências e histórias vivenciadas juntas.

Estudamos todo o ensino fundamental juntas, sempre na mesma turma e sempre muito unidas, ajudando uma à outra. Foi ao chegar no penúltimo ano do ensino fundamental, a sétima série, que eu definitivamente soube que minha relação com as disciplinas voltadas para a área de exatas não fazia parte do meu quadro de disciplinas favoritas. Sempre tive muito mais afinidade com as disciplinas voltadas para a área de humanas, linguagens, e principalmente com a literatura e escrita. Foi nesse mesmo período, através de uma professora de português, que me descobri como “escritora”. Era assim que ela me chamava. Durante as aulas ela sempre trabalhava a escrita dos alunos, lembro-me que ela pedia para que fizéssemos redações sobre algum texto do qual era tomada a leitura, porém, na maioria das vezes, ela pedia para que escrevêssemos redações sobre nossas próprias histórias, que criássemos nossas próprias histórias.

Era umas das atividades que eu mais gostava de fazer, pois escrever para mim sempre foi algo muito prazeroso e eu sentia que produzir algo que fosse de minha autoria era algo

muito positivo no sentido de que eu, de fato, poderia me imaginar de uma outra forma, sonhar com outros universos e com outras possibilidades de vida.

Cheguei então ao bimestre final daquele ano, último ano na escola. Com as provas finais, o clima de despedida já contagiava todos os alunos, pois, a escola só ofertava até a sétima série. Penúltimo ano do ensino fundamental, depois de todos aqueles anos, depois de tantas experiências. Era hora de encerrar um ciclo, hora de deixar aquele ambiente que tanto me ensinou e me marcou, onde fiz amigos e onde comecei a me descobrir enquanto estudante.

Até então, sempre havia estudado perto de casa, nunca precisei pegar um ônibus ou a van da escola para chegar até ela, pois sempre morei bem perto. Algo que, de certo modo, me trazia confiança: era confortável sentir que minha casa estava a algumas quadras dali.

Minha mãe certa vez comentou sobre uma vontade muito grande que ela tinha de matricular, tanto eu quanto meu irmão, nas escolas da rede pública do DF, pois ela sabia que as escolas públicas que existiam em nosso bairro não ofereciam um ensino de qualidade como as escolas de lá. Mal sabia eu que acabara de se iniciar aí mais uma etapa na minha jornada como estudante. Eu costumo dizer que foi uma das etapas mais desafiadoras que já tive, pois se tratava de obter algo que eu sempre almejei enquanto filha e estudante: a autonomia. Alçar novos voos e literalmente, voar para longe do ninho, para longe de casa. E assim foi feito!

No ano de 2010 dei início à minha jornada de vida pela selva denominada ensino médio. Tive a sorte de ser matriculada em uma excelente escola chamada CEMTN (Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte). Posso afirmar que desde o primeiro dia de aula até o último eu vivi dias que nunca, jamais, poderei me esquecer na vida.

O CEMTN era e ainda é uma escola tida como referência de ensino de altíssima qualidade na rede pública do DF – fato este que chamou muito atenção da minha mãe ao querer me matricular nela. Sempre ouvi dizer que nessa escola tinha um professor de português que exigia um caderno de 10 matérias só para a disciplina dele. Confesso que, quando ouvi esse relato de outros alunos que já tinham passado por ele, fiquei com muito, muito medo, porém por outro lado me senti desafiada, curiosa, muito curiosa por querer saber como seria isso, como seria ter um professor que exigia tanto. E, por conta disso, foram surgindo alguns questionamentos na minha cabeça, como por exemplo: “será que é realmente preciso usar um caderno de dez matérias para uma única disciplina?”, “será que vamos de fato usar o caderno todo?”.

Para a minha surpresa, essas dúvidas foram sanadas e confesso que passei de aterrorizada a completamente encantada por tudo que comecei a ver ao longo da tal disciplina

de português, ministrada pelo ilustríssimo professor Cárllinton Alvarenga, nas tardes de terças e quintas na turma do 1º ano M.

Acredito que foi a partir dessa experiência com o professor Cárllinton que comecei a ter mais ou menos uma noção sobre a carreira que queria seguir futuramente, pois o modo como ele sempre falou da carreira docente foi algo que me chamava bastante à atenção pelo fato de que ele sempre defendia o modo como o professor deveria ser visto perante a sociedade e sempre frisava a importância de se reconhecer não somente como um mero professor de escola pública que tinha que lidar diariamente com adolescentes, mas como um educador e um eterno aprendiz. Ele sempre se mostrou contrário aos modos tradicionais de educação, nunca se impôs como sendo o detentor de todo o conhecimento e sempre procurava dizer o quão apaixonado pela sua profissão ele era, e ainda é.

Tenho esse professor como referência em muitos aspectos e o principal deles é sobre se mostrar humano e falar de igual para igual para com todos os alunos. Essa foi uma das características mais marcantes que pude absorver dele e trago comigo até hoje.

A partir do segundo ano do ensino médio, tive outra professora que me marcou bastante, pois foi através dela que me encantei com o universo da literatura. Lembro-me que pelo menos uma vez na semana ela nos trazia alguns textos literários para serem lidos e discutidos em sala de aula, como, Rachel de Queiroz, Machado de Assis, Mário Quintana, Clarisse Lispector dentre outros.

Na verdade, eu já tinha certo contato com alguns desses autores e suas respectivas obras, como Machado de Assis, por exemplo. Porém, foi a partir das aulas ministradas pela professora Liliane que pude de fato ter uma maior proximidade com os textos e com as histórias de cada um e, desde então, não parei mais de ler. De todas as experiências que tive ao longo de todo o segundo ano, posso dizer que essa foi a mais marcante.

É válido dizer desde já que a escola onde estudei durante todo o ensino médio sempre frisou bastante o pensamento em longo prazo voltado para um possível ingresso no ensino superior, em especial aqui na UnB. Porém, a escola nunca se prendeu a uma perspectiva voltada somente para a preparação dos alunos para ingressarem em uma universidade, mas sim uma visão para além disso, uma visão de futuro que transcendesse as nossas próprias perspectivas.

Já iniciei o ensino médio com o seguinte pensamento: quero ingressar na UnB! Desde a oitava série já ouvia falar sobre o que era a UnB, tanto pelos alunos mais principalmente pelos professores.

Cheguei então ao último ano do ensino médio, o terceiro ano. Muitas esperanças e inseguranças regiam este ano, afinal, era o último na escola e o mais decisivo, pois era a partir dali que eu decidiria que rumo seguir, que novos caminhos percorrer, que carreira seguir. Deixei o CEMTN repleta de dúvidas e muitas incertezas, ouvia sempre a maioria dos meus colegas de turma falando sobre que curso gostaria de fazer, sobre as suas futuras profissões, confesso que aquilo me deixava um tanto apreensiva, porém bastante curiosa.

Do final do ensino médio ao meu ingresso na UnB foram exatos seis meses. O ano era 2013, fiz o primeiro vestibular para fisioterapia, sem sucesso! Não passei e confesso que aquela reprovação me fez duvidar muito de mim e principalmente duvidar dos meus sonhos. Pensei em desistir, mas sabia que não devia, pelo menos não tão facilmente. Ver os meus colegas de escola felizes e realizados com aquela conquista, que um dia eu também adoraria usufruir, me fez querer muito mais ingressar na UnB.

Preparei-me, estudei por conta própria e prestei novamente o vestibular no mesmo ano e, para minha grande surpresa e alegria passei para Pedagogia. Foi um dos dias mais felizes que já tive na vida, sonho realizado.

Sou a primeira da minha família a cursar o ensino superior, o que fez com que eu me sentisse ainda mais responsável por ter alcançado tamanha vitória. Dei orgulho a minha família que tanto investiu em mim e acreditou que aquele sonho poderia vir a ser uma realidade, a nossa realidade.

Na academia fiz amigos, tive a chance de conhecer grandes mestres professores que marcaram minha trajetória. Foi aqui também que no terceiro semestre do curso veio à realização de outro sonho, um sonho ousado e que viria a exigir de mim muita força perseverança, pois afinal um dependia diretamente do outro.

Engravidei, decidi ser mãe ainda cursando a faculdade e desempregada. Fui chamada de louca, ouvi dizer que seria impossível conciliar uma coisa com a outra, que logo eu trancaria e que muito provavelmente não voltaria para terminar o curso. Por um tempo eu acreditei em tudo isso também, mal sabia eu que começara aí mais uma aventura, mais um desafio.

Mais uma etapa concluída com muito sucesso! Pude contar com anjos denominados professores que me olharam com bons olhos e que me deram todo um amparo e apoio para que eu pudesse seguir no curso sem maiores dificuldades, porque afinal elas nunca deixaram de existir. E eu me fiz forte diante de todas elas.

Não foi um caminho fácil, foram muitos desafios enfrentados ainda na maternidade: com 17 dias já estava eu aqui de volta nas aulas com minha pequena do lado e entre uma

mamada e outra, entre uma ajuda e outra por parte de um anjo chamado Larissa, minha melhor amiga, um dos presentes da academia, eu seguia nas aulas, fazendo trabalhos, apresentando meus seminários e sempre com a certeza que tudo daria certo. E deu!

Hoje me encontro relatando tudo o que vivi e o que me motivou a chegar até aqui, a mais uma etapa dentro da graduação, amando e sendo constantemente desafiada sobre a carreira que decidi seguir, não por influência ou por ser um “curso fácil” como muitas vezes ouvi durante meus cinco anos de UnB, mas por ter tido exemplos e acreditar que, mesmo com tantos desafios e dificuldades, é possível formar educadores conscientes da responsabilidade que possuem sobre o ato de ensinar, mas principalmente formar crianças felizes, que se desafiem e que acreditem nesses desafios assim com um dia eu acreditei.

PARTE II
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “A literatura infantil no processo de formação da criança leitora: a experiência no projeto LeiA” partiu primeiramente do interesse em saber se, de fato, as literaturas voltadas ao público infantil são usadas como recurso que auxilia a criança no despertar pelo universo literário - em especial a leitura de literatura infantil - contribuindo para sua formação leitora.

Parto do princípio que, para que se desenvolva na criança a habilidade leitora, é necessário que exista uma proximidade com bons livros literários, particularmente com textos que tenham alguma ligação com a sua realidade. E, nessa perspectiva, a literatura infantil poderá promover uma ligação entre real e imaginário, criativo e divertido, proporcionando assim encantamento e interesse pelas palavras e por universos aos quais estas conduzem.

Mas... e se no contexto sociofamiliar das crianças não existirem livros literários disponíveis? Se o livro, como objeto cultural de difícil acesso para as classes trabalhadoras, por seu elevado custo no Brasil, não se fizer presente no universo da criança antes de sua entrada na escola? E se na escola o livro literário for um objeto estranho, distante da curiosidade das crianças, que mal se pode tocar ou manusear para não estragar? Se a escola, urbana ou das periferias não perceber a importância do investimento em bibliotecas, cantinhos de leitura, da frequente contação e leitura de histórias para as crianças das classes populares? Se os educadores não reconhecerem a importância da relação entre infância, histórias e emoções, e dos processos imaginativos que os atravessam, como Silva, Vieira & Oliveira (2018) tão claramente enfatizam?

Estas questões nos colocam diante da necessidade de se iniciar, desde cedo, experiências de leitura literária. E de ponderar como podem ser trabalhadas com a criança para que ela venha, por consequência, a se tornar também um adulto leitor. Assim como de considerar a importância do envolvimento da família durante todo esse processo. E ainda, de pensar como promover, na comunidade, o despertar para o mundo literário por intermédio de um ambiente que propicie momentos onde a leitura seja vista como instrumento e recurso fundamental do educador.

Tendo em vista as reflexões e questionamentos apresentados, para dar início à minha pesquisa parti de um questionamento central: Como o trabalho pedagógico realizado com a literatura infantil e a leitura literária pode auxiliar no processo de formação da criança leitora, num contexto informal?

A presente Monografia teve como objetivo geral refletir acerca do trabalho pedagógico realizado com a literatura infantil na formação da criança leitora em contexto informal.

Os objetivos específicos foram:

1. Conceituar literatura infantil e leitura literária.
2. Identificar cenários, estratégias e recursos pedagógicos para despertar na criança o interesse pela leitura por meio da literatura infantil.
3. Identificar temáticas e livros literários a partir do contexto de vida, necessidades e interesse das crianças.
4. Analisar os processos de leitura vivenciados com as crianças no projeto LeiA.

REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO I

LITERATURA INFANTIL E LEITURA LITERÁRIA

Em seu contexto histórico, a literatura infantil mostra que o interesse humano pelo processo de contar e de ouvir histórias pode ser percebido como uma busca pelo conhecimento do mundo e de si mesmo. É por meio de histórias, narradas oralmente ou lidas por outros, que a criança terá um primeiro contato com a literatura, promovendo uma ligação entre o real e o imaginário.

1.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA INFANTIL

A literatura pode ser considerada uma das expressões artísticas que tem o poder de possibilitar o leitor se tornar conhecedor da própria história social e cultural. Para Abramovich (1997), a literatura infantil pode ser descrita como fenômeno de criatividade e representatividade social do homem, da vida e do mundo, criando ligações entre o real e o imaginário:

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p. 14).

De acordo com Azevedo (1999), as primeiras manifestações literárias voltadas ao público infantil surgiram, segundo alguns autores, em meados do século XVII com a ascensão da burguesia europeia e a criação da escola burguesa. Foi a partir dessa época que a criança passou a “ocupar” outro lugar dentro do contexto familiar. Mas também é possível identificar outras origens da literatura infantil:

Se considerarmos que a origem da literatura infantil está necessariamente ligada ao surgimento da escola burguesa, portanto aos livros didáticos, teremos um tipo de literatura para crianças. Se, ao contrário, partirmos do pressuposto de que a literatura infantil é fundamentalmente ligada, tanto no plano do conteúdo como no da forma, às manifestações da tradição popular, teremos outra literatura, mais rica, complexa e humana. (Idem, Ibidem, p.1).

Com a chegada da escola moderna, a ideia de tornar a criança um sujeito que viesse a exercer papel atuante na sociedade fez com que a literatura se tornasse de fato um gênero literário, fazendo jus à proposta burguesa a respeito de formar novas mentalidades e impor ideologias, como bem o autor expõe nesse trecho do seu artigo sobre a literatura infantil:

Por este viés, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino. Como consequência natural deste processo, o didatismo e o conservadorismo (a escola, afinal, costuma ser instrumento de transmissão dos valores vigentes) deveriam ser considerados componentes estruturais, por assim dizer, da chamada literatura para crianças. (AZEVEDO, 1999, p. 1).

O autor defende que só a partir deste período foi realmente possível se falar em uma literatura voltada para crianças. Durante o período que antecedeu o advento da literatura infantil era possível discriminar que tipo de criança lia o quê, pois as crianças nobres tinham acesso a grandes clássicos da literatura; por outro lado, as crianças menos favorecidas tinham contato com as histórias de cavalaria, lendas, contos folclóricos, prosas etc...

Ainda é possível identificar uma forte indagação entre escritores e educadores em relação à literatura infantil, que compreende certa resistência por parte dos próprios escritores em reconhecer que a escrita é de fato voltada para crianças, uma vez que é preferível, segundo alguns, afirmar que a escrita é sem destinatário (CUNHA, 1990).

Em se tratando de educação infantil, Cunha afirma que:

O que parece importante é definir pontos de contato e do afastamento entre a literatura para crianças e para adultos. Se o afastamento se der na essência do fenômeno literário, então não haverá literatura infantil, nesse caso, a própria expressão “literatura infantil” torna-se absurda, pois não podemos imaginar literatura sem arte. (Idem, Ibidem, p.26).

Portanto, para que de fato exista uma literatura para crianças, se faz necessária à existência de uma literatura, antes de tudo, qualificada e regida de características de um bom texto, valendo-se este de uma linguagem adequada, técnica e esteticamente falando.

Vale ressaltar que, segundo Azevedo (1999), antes mesmo de existirem histórias que pudessem ser dirigidas somente ao público infantil, as crianças medievais faziam parte de um contexto onde eram vistas como “mini adultos”.

Na verdade, a criança de mais de sete anos ocupava, ao que parece, o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, incapaz de certas coisas talvez, mas já uma pessoa na vida, importante como força na família e na sociedade. (AZEVEDO, 1999, p. 3).

Estas mesmas crianças eram tidas como indivíduos que já exerciam determinadas funções sociais e vistas como parte de um todo composto somente por adultos, ou seja, não existia uma separação entre o que é tido nos dias atuais como sendo fase da infância e fase adulta. Logo, as crianças se encontravam em meios onde os adultos compartilhavam os mais variados assuntos, temáticas e problemas acerca da vida, do cotidiano e das próprias realidades vistas a partir de uma perspectiva em que os adultos estavam inseridos, não existindo qualquer restrição quanto a quem de fato eram dirigidas tais narrativas. Como o autor explica:

Participando da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas, aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias. (Idem, *Ibidem*, p. 3).

Portanto, a literatura voltada para o universo infantil, desde o princípio, teve como principal influência e rumo norteador a transmissão da cultura do meio social no qual a criança se encontrava inserida e os valores que regiam tal sociedade e seus próprios interesses.

Por outro lado, é válido afirmar que a literatura infantil está presente em praticamente todas as áreas que a criança se encontra inserida como, por exemplo: nas brincadeiras, nas cantigas de roda, nas rodas de música, nos filmes infantis, na própria arte. No âmbito da educação infantil ela se encontra vinculada as atividades lúdicas, pois a literatura propicia o desenvolvimento da criança, bem como sua criatividade, imaginação e senso crítico.

Como bem coloca Abramovich:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através de problemas que vão sendo defrontados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela

criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a solução delas... (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Deste modo podemos dizer que a literatura infantil é um importante elemento tanto do ponto de vista cultural e pedagógico, tanto quanto simbólico e emocional, pois por meio dela é possível proporcionar uma gama de sentimentos e também de descobertas. Segundo Cagneti (1996) “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização.”. (CAGNETI, 1996, p. 7)

É importante lembrar, por outro lado, que a literatura infantil se torna, cada vez mais, como ressaltam Vieira e Cerqueira (2018, p.63), “uma escolha pedagógica na rotina da educação infantil”, assim como nos anos iniciais do ensino fundamental e, particularmente, nos processos de alfabetização e letramento. A partir da difusão da literatura infantil na escola, a leitura literária é percebida, cada vez mais, como um importante recurso pedagógico. Mas, afinal, como podemos compreender a leitura literária?

1.2 O QUE É LEITURA LITERÁRIA?

Pode-se dizer que todas as culturas apresentam determinados tipos de manifestações artísticas, sejam elas por meio da dança, da música, do teatro, do canto e também da literatura. A palavra literatura origina-se do latim *littera* que significa letra, logo o termo literatura se refere a um conjunto de habilidades de ler e escrever envolvendo criação artística.

A leitura literária tem papel fundamental enquanto prática social voltada para a cidadania, tornando-se assim uma forma de acesso ao conhecimento e também à cultura, permitindo ao leitor experimentar, participar e compartilhar de sonhos, vivências, emoções, conflitos e dores, fazendo com que amplie suas experiências e também suas referências, trazendo à tona uma nova visão de mundo e gerando um novo olhar sobre um mesmo assunto. Bem como vem nos dizer Bartolomeu Campos de Queirós (2009) em seu manifesto:

É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. Na literatura que, liberto do agir prático e da necessidade, o sujeito viaja por outro mundo possível. Sem preconceitos em sua construção, daí sua possibilidade intrínseca de inclusão, a literatura nos acolhe sem ignorar nossa incompletude. (QUEIRÓS, 2009, p. 1).

Proporcionar momentos onde exista um contato com o universo da leitura literária demanda toda uma estruturação de exigências e condições, as quais muitas vezes são esquecidas por uma parcela da própria sociedade. É possível perceber que a responsabilidade é depositada no âmbito escolar, logo vista como sendo um papel que cabe somente aos professores, no entanto:

A leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito. O sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas intuições criadoras aos espaços em que convive. Compreendendo a literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer; considerando que este diálogo das diferenças – inerente à literatura – nos confirma como redes de relações; reconhecendo que a maleabilidade do pensamento concorre para a construção de novos desafios para a sociedade; afirmando que a literatura, pela sua configuração, acolhe a todos e concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo; compreendendo que a metáfora literária abriga as experiências do leitor e não ignora suas singularidades, que as instituições em pauta confirmam como essencial para o país a realização de tal projeto. (QUEIRÓS, 2009, p. 1,2).

Neste sentido, fomentar uma literatura literária consiste em construir espaços que venham a estimular e aproximar a criança leitora aos inúmeros gêneros literários, juntamente com suas estruturas de leitura. É valorizar principalmente a autonomia da criança, não deixando de possibilitar novas escolhas visto que:

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos, que inauguram a vida, como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido é indispensável à presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância. Todas as atividades que têm a literatura como objeto central serão promovidas para fazer do País uma sociedade leitora. O apoio de todos que assim compreendem a função literária, a proposição é indispensável. Se é um projeto literário é também uma ação política por sonhar um País mais digno. (Idem, Ibidem, p.2).

A leitura é considerada literária mediante a uma ação do leitor que se constitui enquanto prática de cunho artístico, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. Segundo o PCN (1997) de Língua Portuguesa no ensino fundamental, é possível perceber que em um dos pontos que regem sobre leitura fica explícito que se faz necessária uma reflexão acerca das diferentes modalidades de leitura e a função de cada uma.

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (MEC, 1997, p.29).

Os PCNs acentuam o fato que o trabalho com a literatura não deve assumir uma postura servilista, ou seja, estar exclusivamente ao serviço dos processos de aprendizagem escolar e de várias outras dimensões que a escola habitualmente valoriza:

A questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (MEC, 1997, p. 30).

O gosto pela leitura acompanha o desenvolvimento do estudante, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se criam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções. Bem como aponta Zilberman (2003):

O desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. (ZILBERMAN 2003, p. 28).

Ao se ler um texto literário, procura-se a compreensão dos significados que tais textos querem expressar levando sempre em conta a relação desses textos com outros autores e até mesmo com outros textos (a intertextualidade), considerando também outros fatores como a época em que o texto foi escrito, juntamente com a atualidade, propiciando ao leitor a capacidade de reflexão, pensamento e de sentimentos ao apropriar-se do texto. O texto literário deve ser visto como sendo o princípio de uma compreensão e formação de um leitor crítico, sendo este capaz de relacionar aquilo que lê com sua realidade, compreendendo assim

a diversidade e os significados que cercam cada sujeito, ou mesmo evadir-se de sua realidade, retornando a ela com outras experiências e olhares.

Dessa forma, é válido dizer que a linguagem literária desenvolve possibilita na criança a capacidade de compreensão do mundo, uma vez que nos encontramos envoltos da linguagem, pois a todo o momento e em qualquer lugar estamos sempre absorvendo informações e mensagens transmitidas através de inúmeros tipos de linguagem verbal e não verbal, e a partir disso passa ser de competência do leitor fazer a determinada interpretação de cada texto e saber a forma mais adequada de lidar com os vários níveis de sentido das palavras dentro dos mais variados contextos.

A leitura literária é considerada de suma importância para a vida de todas as pessoas no geral, porém, em se tratando de uma criança leitora, esse papel é ainda maior uma vez que, por meio desta leitura, ela pode interagir e compreender o mundo que a cerca, assim como adentrar outros universos. Por isso vamos refletir, no próximo capítulo, acerca da formação da criança leitora.

CAPÍTULO II

A FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA

2.1 O PAPEL DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA

O despertar pelo interesse, e conseqüentemente, pelo hábito da leitura, por parte da criança, inicia-se, ou não, no âmbito familiar, ou seja, a princípio tal comportamento e seu desenvolvimento estão relacionados ao fato da criança estar, ou não, em um espaço onde tal atividade seja realizada, como destaca Abramovich:

Ah como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

É interessante ressaltar que, é na infância que se espera que ocorram criação dos hábitos, sendo a leitura um deles e tendo como ferramenta essencial, durante esse período, a literatura. Esta surge como sendo uma forma significativa e bastante prazerosa para que se possa gerar, a partir de então, o hábito de ler, levando-se em conta sua função social, emocional e cognitiva. Por meio das histórias a criança tem a possibilidade de fazer descobertas: do mundo, de outros universos, outros espaços, outras maneiras de agir e de pensar, formas de lidar com conflitos etc.

[...] É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... [...] (Idem, Ibidem, p. 17).

Desta maneira é válido dizer que, quanto mais cedo a criança obtiver contato com o universo da leitura, mais chances ela terá de vir a se tornar um adulto leitor, de modo que venha assumir um posicionamento crítico e também reflexivo, uma postura importante na sua formação.

Quando uma criança tem a possibilidade de ouvir ou até mesmo de ler uma história e a partir disso desenvolver a capacidade de indagar algo, comentar, partilhar, duvidar e até questionar, cria um diálogo que não se restringe à história em si, mas a provocações que a

própria história pode lhe proporcionar, surgindo assim uma conversa, uma interação social entre leitor e ouvinte, entre o livro e a criança, visto que:

Leitura bem feita é formativa, no sentido de que reestrutura as ideias e expectativas, reformula os horizontes. Nem toda leitura precisa ser assim tão séria, mas toda leitura bem feita ocorre sob signo do questionamento, porque, quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas, quem sabe pensar, questiona o que pensa. (DEMO, 2007, p. 27).

Neste contexto, é importante reafirmar que por meio da literatura infantil é possível perceber que, dentro deste contexto que compõe o ato de contar e escutar histórias, as interações são geradoras de múltiplos sentimentos regidos de vontades, de curiosidades, até mesmo quando as histórias contadas são direcionadas também para aquelas crianças que ainda não sabem ler. Até porque “Ouvir histórias não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizado ou não...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 22).

É importante também ressaltar a importância do papel da leitura literária voltada para a criança, levando-se em conta o fato de que as histórias são capazes de desenvolver e aprimorar a sua capacidade de imaginação, pois uma vez tendo escutado, a criança se torna capaz de recriar e reinventar a realidade por meio da imaginação. Seu diálogo com o mundo e consigo mesma se amplia:

A palavra, em seu uso literário, extrapola seus significados convencionais, abrindo uma espécie de diálogo com o mundo e consigo mesmo em seus níveis subjetivos e objetivos, com os quais a criança é capaz de transitar entre a realidade por ela vivenciada e outras realidades possíveis de serem criadas, mesmo que somente no plano da imaginação. (OLIVEIRA, 2018, p. 49).

Outro fator de grande importância é o contato que a criança pode ter com os livros, um contato de aproximação, e por meio deles saber que os livros podem proporcionar uma vastidão de sentimentos que ela pode experimentar. Mas o início desse processo ocorre com frequência por meio de textos orais no contexto familiar:

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Devemos frisar um fator primordial no vasto mundo de sentimentos que a literatura infantil pode vir a proporcionar na criança, o fato de que a descoberta deste universo deve partir da própria vontade da criança, de querer se apropriar de determinado livro e de determinada história. Segundo Sandroni & Machado (1998, p.16) “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente.” Ou seja, cabe à criança, em seu tempo, descobrir o que os livros têm a oferecer e de que maneira eles podem vir a ser importantes na vida de cada uma, pois ainda segundo os autores (Ibidem, p. 12) “a criança percebe desde muito cedo que o livro é uma coisa boa, que dá prazer.”.

Este primeiro contato com um livro tem seu despertar por um possível interesse a partir do que o próprio livro, enquanto material físico apresenta à criança: suas formas, cores, as figuras que logo farão algum sentido e terão algum significado na vida da mesma.

É válido ressaltar que o processo de inserção da criança no universo literário requer a necessidade de alguns cuidados, tendo em vista que o contato com os livros e o hábito de leitura beneficie seu desenvolvimento, proporcionando-lhe ao mesmo tempo prazer e diversão.

2.2 A RELAÇÃO DO LEITOR COM OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Em se tratando de gêneros e suas variadas abordagens voltadas à literatura infantil, podemos dizer que dentre tantos, alguns destes gêneros literários são fundamentais no que se refere à função do despertar na criança a vontade de ler e como se dá sua relação com este universo, uma vez que ela venha a se identificar com algum gênero em especial como, por exemplo: as fábulas, as lendas, os mitos ou os contos de fada.

Durante o processo de desenvolvimento da prática de leitura, alguns pontos-chave devem ser levados em conta na hora de apresentar um livro com determinado gênero à criança, pois muitas vezes ocorre o fato de, seja no âmbito familiar ou escolar, as histórias, os contos, as fábulas, os contos de fada e tudo o mais que se diz referente a uma literatura voltada ao público infantil infelizmente ainda é tida por alguns como uma literatura menor, ou seja, como sendo uma leitura onde o ouvinte, neste caso a criança, não se encontra em meio à história, de modo que a mesma sirva somente como instrumento para um outro viés: o da instrumentalização da literatura infantil.

Em se tratando de gêneros literários e de como alguns fatores influenciam na linguagem que é abordada para o público infantil em suas histórias, Machado e Rocha (2011) nos dizem que:

Não basta encher uma história de diminutivos para ficar bonitinho ou ao alcance da criança. Se a linguagem não trazer surpresas – e isso vale para leitores de qualquer idade, não continua viva para idade nenhuma. (MACHADO E ROCHA, 2011, P. 46).

Uma maneira de valer-se da literatura infantil no sentido de aproximar a criança ao mundo leitor por meio de uma abordagem simples é através dos gêneros como, por exemplo, as fábulas, apontadas como sendo uma das formas mais antigas da narrativa. Este gênero caracteriza-se por histórias curtas, de leitura fácil e geralmente tendo como personagens animais ou plantas que possuem características humanas e apresentam ações e sentimentos, sempre tendo em seu desfecho uma lição provida de moral. As fábulas, em algumas ocasiões, requerem determinada atenção no que diz respeito a possíveis questionamentos que venham a ser gerados por parte do ouvinte. Quando trabalhadas de modo que proporcionem ao interlocutor um espaço não somente de concordância, mas também de diálogo com o que se é lido, passam a ser vistas e compreendidas como sendo motivadoras e reflexivas (GREGORIN FILHO, 2012).

Neste ponto é interessante ressaltar o quanto as fábulas se encontram ligadas a questões que não se distanciam da criança e de sua realidade, pois tratam de uma abordagem onde ela é orientada dentro de ensinamentos morais sem que perceba.

Outro gênero literário que gera determinada curiosidade e logo um maior interesse pela leitura são as lendas, que assim como as fábulas, os mitos e os contos de fada, desde os primórdios fazem parte do nosso contexto narrativo antes mesmo da escrita. Como esclarece Gregorin Filho:

A lenda busca esclarecimentos simples para fenômenos complexos. Vale lembrar que explicar de modo simples não é explicar de modo simplista ou gratuito. A lenda ensina-nos a valorizar os interesses coletivos mais do que os individuais. (Idem Ibidem, p. 15).

Assim, percebemos que se trata de narrativas fantasiosas de natureza popular, logo, seu princípio é a oralidade, que por sua vez é responsável pela sua transmissão de geração em geração.

As lendas, quando trabalhadas com crianças num contexto onde a oralidade se faça bastante presente pode ser explorada e por meio dela abranger determinados assuntos de cunho cultural como é o caso do folclore. A este respeito é apontado que:

As formas simples são consideradas fontes importantes da memória popular e guardam íntimas relações com o folclore. Por meio delas, crianças e jovens podem penetrar na alma de um povo para desenvolver conhecimento sobre outras culturas e consciência sobre a própria cultura. (GREGORIN FILHO, 2012, p.10).

Assim como as lendas, os mitos também são de origem antiga, talvez até mais antigos que todos os outros gêneros que aqui foram citados. A palavra mito é de origem grega *mythos*, que significa uma fala, um relato onde o tema principal é relativo à origem do mundo, ao surgimento da humanidade. Em geral os mitos são compostos por personagens como, por exemplo, deuses ou seres sobrenaturais aos quais eram atribuídas simbologias que se misturavam aos fatos reais e a características humanas.

Por se tratar de uma narrativa de fácil compreensão apresentando frases curtas e repetições, os mitos estão entre os gêneros que se destacam dentre as leituras favoritas das crianças que estão sendo apresentadas ao universo da leitura. Os mitos apresentam uma importante característica que é o fato de serem narrados em terceira pessoa, fazendo com que ressoem como uma voz coletiva.

Os mitos tratam de questões complexas da vida humana, com composição textual que obedece a uma estruturação simples, em linearidade cronológica, em linguagem concisa e marcada pela oralidade. (Idem, Ibidem, p.13).

Em se tratando de contos, pode-se afirmar que dentre os campeões de total inserção no universo da leitura encontram-se os contos de fadas. Dentro da literatura infantil este gênero é especialmente valorizado, sendo eles obras que quase obrigatoriamente passam pelas fantasias. Segundo a autora Nelly Novaes Coelho (2000), existe uma distinção entre os contos maravilhosos e os contos de fadas.

Os contos maravilhosos envolvem narrativas cujas origens se configuram de natureza oriental, oriundas de uma “caráter mais material/sensorial, desejos voltados ao corpo, à conquista de poder” segundo COELHO (2000). Por outro lado, conforme a autora, os contos de fadas tratam de temas voltados a uma “natureza espiritual/ética/existencial” (ibidem), fazendo relação também a temáticas voltadas aos mistérios para além da vida, como por exemplo, realizações humanas interiores como é o caso da história de Rapunzel.

Mas afinal, por que os contos de fadas geram tanto encantamento? Desde as épocas mais remotas, em que não existia distinção de uma literatura voltada para crianças e outra para adultos, os contos se fizeram presentes dentro do âmbito familiar e da tradição, por terem a capacidade de atingir o psiquismo humano até o inconsciente, conforme considera BETTELHEIM (1980):

Através dos séculos (quando não dos milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos – passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. Aplicando o modelo psicanalítico da personalidade humana, os contos de fadas transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente, e à inconsciente, em qualquer nível que esteja funcionando no momento. (BETTELHEIM, 1980, p. 14).

Tradicionalmente as fadas são representadas, em sua maioria, pela imagem feminina e de beleza única, sendo esta detentora de grandes poderes que ultrapassam a realidade, um ser que provém de épocas remotas e que habita lugares sobrenaturais.

Na literatura infanto-juvenil da tradição, a personagem da fada integra o maravilhoso como figura ambivalente, benéfica ou maléfica, dependendo de motivações pessoais ou do merecimento da personagem a quem se dirige o dom a ser concedido. (GREGORIN FILHO, 2012, p.40).

É através destes contos que a criança impulsiona seu mundo de fantasia, uma vez que o mesmo está ligado diretamente ao imaginário, aos sonhos e às realizações de cada uma, valendo-se de elementos mágicos, místicos, sobrenaturais. Mas os contos de fada também abordam questões existenciais, conflitos e dramas:

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isso permite à criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para

ela. O conto de fadas simplifica todas as situações (GREGORIN FILHO, 2012, p. 15).

O desenvolver dos contos de fada geralmente ocorre em vários lugares, ambientes mágicos que podem ser desde florestas encantadas até grandes reinos e castelos. Em geral os contos não possuem um espaço geográfico definido e são atemporais.

O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos. (Idem, Ibidem, p.15).

Este tipo de narrativa costuma ser para a criança um tanto convidativa e atrativa na medida em que proporciona uma identificação com os personagens e a faz com que acompanhe o desenrolar da trajetória dos mesmos, acompanhando-os do início ao fim da história.

Os contos de fadas, os contos maravilhosos, as fábulas, os mitos, as lendas e tantos outros gêneros literários que fazem parte do vasto universo literário permitem ao leitor debruçar-se sobre as inúmeras possibilidades e caminhos a se percorrer enquanto criança, jovem e logo como um adulto leitor que explora, indaga e reflete sobre a existência humana, seus desafios, dilemas e perplexidades, atravessados pela cultura, pelo imaginário e pelo maravilhoso, pelo pensamento mágico e pelo inconsciente.

CAPÍTULO III

O PROJETO LeiA: CENÁRIOS, ESTRATÉGIAS E RECURSOS PARA DESPERTAR NA CRIANÇA O INTERESSE PELA LEITURA LITERÁRIA.

3.1 O QUE É O PROJETO LEIA?

O projeto LeiA surgiu do desejo e anseio dos alunos de pedagogia que faziam parte de outro programa de extensão chamado FORMANCIPA (Formação Integrada e Emancipadora de Acesso à Educação Superior) que trabalha diretamente com alunos que estão em fase de conclusão do ensino médio e que desejam ingressar no ensino superior.

Ambos os projetos acontecem na sede da ONG SERPAJUS ¹que atua no município do Novo Gama (GO) promovendo ações voltadas ao serviço de paz, justiça e não violência à população local.

O nome LeiA, que significa leitura e ação está inteiramente relacionado à proposta de trabalho adotada no projeto: promover ações e atividades por meio da literatura infantil e da prática de leitura, uma vez que acreditamos que a leitura é capaz transformar realidades. “O Projeto LeiA aposta na leitura como instrumento de liberdade e é com esse instrumento que pretende-se contribuir para a formação de uma sociedade mais justa.” (PPP LeiA , 2018, p. 1)

O projeto foi pensado de modo a atender uma parte da população que até então se encontrava desassistida, as crianças. Uma vez que somente o FORMANCIPA atuava naquela região, porém as atividades ofertadas atendiam somente os jovens.

Tendo em vista o grande número de crianças que existiam nas adjacências da própria ONG e o grande número de colaboradores dentro do projeto Formancipa que muitas vezes não exerciam nenhuma função, foi surgindo assim uma necessidade de se alcançar aquelas crianças de alguma forma. Foi aí que entramos em ação, em parceria com a ONG que também compartilhava do mesmo desejo. O projeto acontece aos sábados e atende a comunidade do Pedregal, que é um bairro do município do Novo Gama, Goiás.

¹ Serviço de Paz, justiça e Não-Violência, que funciona na quadra 602, lote 02, Pedregal, Novo Gama (GO). Site: www.serpajus.com.br

3.2 BREVE HISTÓRICO

A princípio o projeto fazia parte de outro Programa de Extensão denominado Formancipa, porém ele é voltado somente a adolescentes que estão em fase de conclusão do ensino médio. A ideia da criação do projeto LeiA partiu da iniciativa de nós, estudantes de pedagogia que até então fazíamos parte do projeto Formancipa, ao percebermos que existia uma carência e uma necessidade de atuar não somente com os adolescentes da região, mas principalmente com as crianças da comunidade, tendo em vista a quantidade delas que eram vistas principalmente nas ruas do bairro, muitas vezes entrando em contato com riscos e perigos.

O projeto foi idealizado com o intuito de tirá-las das ruas, mas, principalmente promover a sociabilidade e a integração dessas crianças com outro universo por meio da leitura. As famílias exerceram um papel fundamental ao longo de todo este processo, uma vez que elas também foram convidadas a fazer parte da concretização do projeto para que ele de fato viesse a acontecer na prática. A ideia de promover a inserção das crianças num universo leitor partiu também da necessidade de mostrar a elas o que a leitura dentro e fora da escola é capaz de proporcionar.

Foram muitos os desafios enfrentados ao longo de toda a idealização até a concretização do projeto. O primeiro deles foi à questão financeira, pois era necessário que houvesse um espaço com os devidos recursos para que o projeto pudesse de fato acontecer. O segundo desafio foi o de encontrar um espaço físico que pudesse vir a acolher as crianças.

O projeto Formancipa era realizado num espaço cedido por uma ONG atuante no município denominada SERPAJUS (Serviço de Paz, Justiça e Não-Violência). Porém, como a demanda de alunos do bairro onde o projeto era ofertado foi caindo ao longo dos semestres, foi decidido que o projeto não mais seria realizado ali. Vale lembrar que dentro do espaço da ONG havia uma biblioteca comunitária, que em decorrência do encerramento do projeto viria a ser fechada.

Como a ideia da criação de um novo projeto, para aquele bairro em especial, já estava sendo idealizada, tivemos então a oportunidade de ganhar o espaço e também a possibilidade de usufruir da biblioteca, o que foi uma grande vitória para nós que estávamos com anseio de fazer, daquele lugar, um espaço que de fato pudesse mudar um pouco a realidade à qual a comunidade estava habituada.

As ideias foram surgindo, o apoio da ONG Serpajus foi de grande valia para que os trabalhos pudessem ser colocados em prática. O projeto foi pautado nos princípios da gestão democrática e com a total colaboração de todos do grupo, desde a caracterização do que seria o projeto e como ele funcionaria até às bases e diretrizes que dariam norte à execução do trabalho.

3.3 FUNDAMENTOS E DIRETRIZES PEDAGÓGICAS

O LeiA é um projeto educativo praticado em um ambiente informal, sem vínculos com o espaço escolar, voltado a crianças com idades entre 4 e 10 anos. O espaço onde o projeto acontece foi pensado de modo que a ludicidade dialogasse com a dimensão pedagógica. O PPP do Projeto esclarece suas diretrizes pedagógicas, que sintetizamos e perseguimos neste trabalho.

A intenção do projeto não é mensurar desempenhos ou alcance de notas, pois adota como fundamento teórico a avaliação formativa e a análise do desenvolvimento de cada criança é feita de modo individual para melhor entender as dificuldades de cada um e a partir disso mediar o melhor resultado possível para cada caso.

A organização do projeto acontece da seguinte maneira: momentos de leitura, diálogos e reflexões acerca do que foi lido; momentos de cultura, lazer e de expressão do desenvolvimento artístico; oficinas de contação de histórias, alfabetização e letramento; contato direto e indireto com as narrativas infantis e leitura literária.

3.4 OBJETIVOS DO PROJETO

Objetivo Geral

De acordo com o PPP do LeiA, o projeto tem como objetivo “Incentivar o hábito da leitura sob uma perspectiva emancipadora. Oferecer às crianças atendidas convívio com a arte e com a leitura, bem como possibilitar, por meio de práticas pedagógicas, o desenvolvimento motor, o progresso cognitivo e da linguagem, visando o desenvolvimento integral e autonomia das crianças”. (PPP LeiA, 2017, p. 5). Consequentemente é intenção deste projeto gerar na criança o hábito de ler, pautando-se em uma perspectiva emancipadora, oferecendo

um contato com universos literários, artísticos e culturais, através de práticas de leitura didáticas, educativas e instrutivas proporcionando o desenvolvimento de cada uma visando ainda à integralidade do desenvolvimento motor e cognitivo.

O projeto procura de modo concreto e dinâmico atender a necessidade da região que é a falta de atividades direcionadas as crianças da comunidade que, por sua vez encontram-se em situação de vulnerabilidade social². Busca, sobretudo a formação de sujeitos criativos, críticos, autônomos e emancipados, que sejam capazes de construir e transformar suas realidades.

Objetivos específicos

- Propiciar a reflexão sobre a realidade local, sempre atentando para os aspectos lúdicos que envolvem a formação da criança;
- Proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento da autonomia;
- Promover integração entre a leitura e atividades lúdicas por meio de oficinas temáticas;
- Auxiliar no desenvolvimento integral das crianças, usando a leitura como fonte inicial para atividades como: pintura, teatro, dança jardinagem, etc;
- Incentivar a criatividade, a livre criação, a escrita, a fala e a escuta ativa;
- Exercitar habilidades de comunicação;
- Promover ações educacionais fora do contexto escolar, levando os educandos a perceberem a comunidade como espaço de aprendizagem;

² Dados oficiais sobre: Caracterização da população; histórico do município do Novo Gama (GO); saúde, benefícios sociais, dentre outras informações relacionadas a vulnerabilidade social podem ser encontradas em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/PMAD-Novo-Gama.pdf>

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

Neste capítulo descrevo o tipo de pesquisa que foi realizada e a trajetória de trabalho de que participei ao longo do processo de construção de dados. Nele descrevo também a abordagem adotada e o contexto do projeto, bem como os instrumentos da pesquisa.

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em um projeto de extensão denominado LeiA, que significa leitura e ação. O histórico, contexto e objetivos do projeto LeiA foram já explicitados no capítulo três.

Num primeiro momento participei de outro projeto chamado Formancipa, como requisito para cumprir o Projeto 3, fases um e dois, do Currículo da Pedagogia. A partir do Projeto 4 iniciei minha participação no projeto LeiA, que foi onde surgiu minha maior motivação para realizar a presente pesquisa e contribuição enquanto estudante e também voluntária.

O projeto acontece no município do Novo Gama (GO) e tem como principal objetivo realizar atividades relacionadas à leitura e ações a partir da mesma. Decorre aos sábados pela manhã, de 09h as 11:00h, sendo desenvolvidas atividades por meio de oficinas lúdicas de contação de histórias. O tema de cada oficina era decidido com o grupo durante a semana e, em seguida, construído um planejamento sobre tudo o que seria feito no encontro.

O município onde o projeto é realizado é conhecido pelos altos índices de violência e pela sua precariedade, as crianças fazem parte de famílias de baixa renda que vivem em um cenário de vulnerabilidade social e analfabetismo. Em alguns casos, as crianças se encontram em um contexto de desemprego familiar e até mesmo de violência doméstica.

- **Território, abrangência e divulgação do projeto.**

O projeto sempre foi colaborativo e não se restringe a nós, alunos da Pedagogia, porém o grupo era composto em sua maioria por futuros pedagogos (as). Ao longo processo inúmeras discussões e questões que foram levantadas pelo grupo. A principal delas era a de

que o projeto não poderia vir a ser uma mera extensão da escola, pois se trataria sim de um ambiente pedagógico, porém sem o uso do mesmo regime escolar; ou seja, a proposta do projeto seria toda e completamente voltada às questões de leitura e à criação de um espaço leitor que pode transformar e gerar nas crianças algo que vá além das potencialidades de cada uma, o que nem sempre são exploradas dentro do ambiente escolar.

Outra necessidade era que, de alguma maneira, fizéssemos um trabalho com as crianças juntamente com a biblioteca que estava até o momento fechada. A própria comunidade do bairro Estrela Dalva VI, também conhecido como Pedregal, nem se quer sabia que ali havia um espaço que pertencia a ela, um espaço pouco explorado e ocioso.

Foi realizada, então, uma grande força tarefa para a divulgação do projeto no bairro. Tentamos alcançar o maior número possível de famílias batendo de porta em porta, fazendo a divulgação com folders, explicando como funcionaria o projeto, onde e quando. Fazer com que as famílias das crianças fizessem parte das ações do projeto sempre foi um desafio para nós, integrar as famílias, realizar atividades que pudessem de alguma forma integrar a comunidade também.

Finalmente o projeto teve seu início em outubro de 2017. Antes de darmos o pontapé inicial foi realizado um bazar anual, um evento que a ONG Serpajus proporciona a comunidade para gerar renda e claro ajudar as pessoas que moram ali, escolhemos o dia do bazar como sendo também o dia da abertura das inscrições para o projeto, pois o bazar sempre atraiu bastante à comunidade e com isso gerou uma maior visibilidade para nós. Foram algumas poucas inscrições, mas suficientes para que finalmente pudéssemos trabalhar e dar início a uma linda e difícil jornada.

4.2 A PESQUISA-AÇÃO

O trabalho monográfico trata-se de uma pesquisa-ação (BARBIER, 2007) de cunho qualitativo. A escolha da abordagem deu-se por conta da implicação que ela proporciona nas relações entre pesquisador e objeto a ser pesquisado, assim como por seu caráter interventivo, visando contribuir para a mudança da realidade.

O foco da investigação teve como base a reflexão do trabalho pedagógico desenvolvido a partir da literatura infantil e da leitura literária na formação da criança leitora, em um contexto informal. Para que tal objetivo fosse alcançado, a relação entre pesquisador e os sujeitos a serem pesquisados foi estabelecida por meio da interação e comunicação direta,

gerando segurança e confiança por parte de todos os envolvidos. Sobre isso González Rey (2002) tece considerações a respeito da importância da comunicação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, como condição necessária à criação de um cenário facilitador da pesquisa:

Os instrumentos da pesquisa adquirem um sentido interativo. O instrumento não é importante só pelo o que o sujeito responde ou realiza, mas pelas conversações que suscita, pelas expressões do sujeito diante dele, pelas perguntas que formula durante sua execução (...). O clima da pesquisa é um elemento significativo para a implicação dos sujeitos nela. (GONZÁLEZ REY, 2002, p.56).

4.3 OS SUJEITOS

Para realizar a pesquisa, optei por fazer observações junto ao grupo de trabalho que atuava diretamente com as crianças por meio das oficinas de contação de história. Tendo em vista que nem sempre o número era o mesmo – ao longo da pesquisa oscilou entre 10 e 12 crianças –, porém nada que fizesse com que as atividades planejadas para o dia não pudessem ser realizadas. Os pequenos tinham idades diferentes, algo entre 4 e 10 anos, sendo que a maioria delas eram mais velhas. O grupo era composto por meninas e meninos, porém o número de meninas era maior. Todas as crianças moravam nas proximidades do projeto e algumas chegavam até nós sozinhas, sendo que as crianças de 4 anos já frequentavam a escola, escola essa que também fica próxima de suas residências. As crianças menores chegavam acompanhadas de um responsável.

O número de monitores, que as crianças reconheciam como professores – todos estudantes da Universidade de Brasília envolvidos no Projeto de Extensão – também variava, tendo em vista a demanda que cada oficina exigia. Os alunos que compunham a equipe de trabalho, neste caso os monitores, grande parte eram do curso de Pedagogia, mas o grupo era bastante variado tendo participantes de outros cursos como letras e história. As atividades eram divididas de forma democrática e para cada oficina 4 monitores ficavam responsáveis pelo desenvolvimento da mesma.

Os nomes utilizados, tanto para as crianças como para os professores, ao longo de toda a pesquisa, são fictícios, preservando assim a identidade de todos.

Como o projeto acolhe crianças de 4 a 10 anos, sempre optamos por trabalhar com uma temática e uma narrativa que pudesse ser abordada com todas elas, independente de quem já sabia ler ou não, se tinha contato com uma realidade leitora ou não. Procuramos

apresentar às crianças leituras que, de alguma maneira, explorassem aspectos da realidade em que elas se encontravam inseridas, temáticas voltadas a questões concretas.

4.4 OS INSTRUMENTOS

Foram utilizados os seguintes instrumentos: observação participante; escuta sensível; diário de bordo contendo minhas anotações e memórias dos encontros; oficinas pedagógicas envolvendo trabalhos realizados com as crianças; e registros fotográficos.

Gostaria de ressaltar a importância da observação participante envolvendo, também, a escuta sensível (BARBIER, 2007), pois ela me permitiu que, enquanto observadora, pudesse haver um envolvimento do ponto de vista físico, relacional e até mesmo emocional em relação ao grupo.

O instrumento central da pesquisa-ação foram às oficinas de contação de histórias. O objetivo principal das oficinas foi desenvolver atividades relacionadas à leitura, favorecendo a ludicidade, a criatividade e a inserção das crianças no universo literário, proporcionando assim um encontro direto com os livros literários.

Optamos por trabalhar com oficinas de contação de histórias com leituras pré-selecionadas e a partir delas desenvolver atividades que estivessem voltadas ao o universo literário e ao universo das crianças também. Levantamos alguns dados e algumas sugestões de temas e gêneros literários junto às crianças sobre quais eram suas preferências. Procuramos saber também em que estágio de leitura cada uma se encontrava e claro se gostavam de ler. Se sabiam o quão era importante o hábito de leitura e se possuíam tal costume. O diálogo direto com elas nos proporcionou muitas revelações, segredos, vontades, curiosidades, descobertas e grandes desafios enquanto futuras profissionais e seres humanos reflexivos, acerca das inúmeras questões que regiam o nosso desafio de trabalhar a leitura de um modo diferente e transformador.

Assim, foram realizadas 22 oficinas ao longo de 2 anos. Neste trabalho selecionamos quatro oficinas, em função da sua relevância, para narrar e analisar. São elas:

Oficina I – Caça ao tesouro.

Oficina II – Também sou protagonista!

Oficina III – Onde vivem os livros?

Oficina IV – Traçando histórias: O incrível mundo da leitura!

Optamos por apresentar cada oficina – seus objetivos, atividades e materiais – no capítulo cinco, imediatamente antes da narrativa acerca da realização de cada uma delas, bem como de sua análise, com a intenção de facilitar, ao leitor, o acompanhamento de todo o processo e as reflexões decorrentes.

CAPÍTULO V

REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO PROJETO DE EXTENSÃO LeIA

5.1 OFICINA I

CAÇA AO TESOURO

OBJETIVO GERAL

Desenvolver a curiosidade, o trabalho em equipe e a vontade de descobrir o universo literário de um modo lúdico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver o interesse pelos livros literários.
- Promover a participação, interação e a colaboração no trabalho em grupo.
- Trabalhar com a ludicidade, criação e imaginação.

ATIVIDADES

- Leitura do livro “O homem que amava caixas” de – Stephen Michael King;
- Reflexões acerca de sentimentos individuais e em grupo;
- Estímulo da imaginação por meio das imagens do próprio livro;
- Brincadeira: “Caça ao Tesouro” – Baú de Livros;
- Leitura livre e confecção de desenhos.

MATERIAIS

- Livro “O homem que amava Caixas”;
- Folhas A4;
- Lápis de cor, canetinha, giz de cera;
- Pincéis, tinta guache, cola glitter;
- Livros do próprio acervo do projeto.

NARRATIVA E REFLEXÕES

Essa oficina com certeza teve um significado todo especial, pois foi uma das que melhor expressou o trabalho que desenvolvemos com as crianças no projeto.

Esta foi a primeira oficina, pois antes do projeto se concretizar realizamos todo um trabalho de divulgação na comunidade sobre o LeiA e sua proposta, o que seria trabalhado com as crianças e como o tudo seria desenvolvido

A princípio pensamos em uma oficina que de fato transmitisse nossa ideia central, o nosso propósito, que era trabalhar a leitura e explorá-la de um modo divertido, porém sem deixar de mostrar que ela é importante e como pode ser transformadora.

Contamos com a presença de 11 crianças nesse dia e como foi nosso primeiro encontro não tivemos um convidado de fora, assumimos todas as atividades daquela manhã. Preparamos o nosso espaço de modo que os pequenos pudessem ficar à vontade e que se sentissem acolhidos; não usamos mesas ou cadeiras como numa sala de aula comum, mas utilizamos algumas almofadas e tapetes para que pudessemos sentar no chão mesmo. Queríamos nos sentir bem próximas (os) das crianças e fazer com que eles sentissem que aquele espaço pertencia a todos nós de modo igual.

Fizemos uma pequena recepção apresentando o projeto LeiA, falamos um pouquinho sobre nosso trabalho e fizemos também nossa pergunta chave: “Quem aqui gosta de ler?”. As respostas, para nossa total alegria, foram positivas, todos levantaram as mãos dizendo que sim, gostavam de ler. Em seguida nos apresentamos, cada um dizendo o nome, e pedimos aos pequenos que fizessem o mesmo. Algumas das crianças já se conheciam, pois eram primos ou irmãos (as) ou por que estudavam na mesma escola.

Num primeiro momento surgiu a timidez porque, afinal, todos ali eram “novatos”, principalmente nós, monitoras. Tudo era novidade, os pequenos ainda não sabiam muito bem o que iria acontecer e como seria estar num sábado de manhã em um ambiente diferente, e na presença de pessoas que até então eram desconhecidas. Tudo ocorreu de forma muito divertida, leve e sempre com a participação dos pequenos. Nossa intenção era proporcionar um momento onde eles pudessem se sentir à vontade em um ambiente voltado à leitura, mas como foco total neles.



Imagem 1: Recepção das crianças no projeto

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Como foi nosso primeiro contato com as crianças, decidimos que a escolha da narrativa da oficina fosse feita por elas. Todos sentados juntos à monitora que se propôs a narrar a história e junto dela estava nossa prateleira de livros, um pequeno acervo que conseguimos reunir com algumas colaborações.

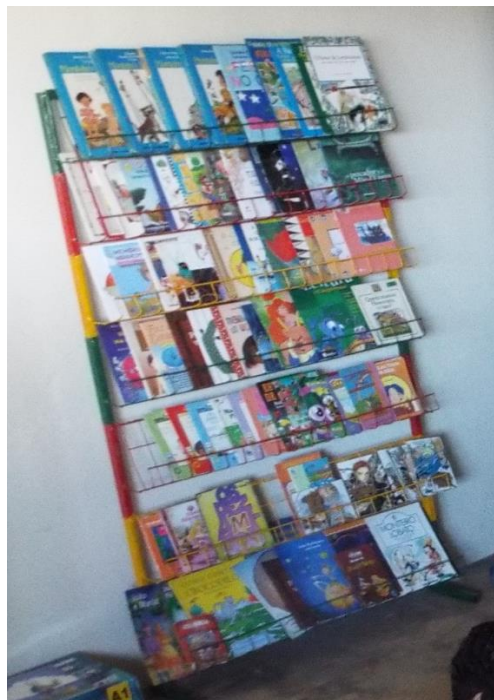


Imagem 2: Expositor de livros

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Apesar de pequeno, nosso expositor sempre fez sucesso. Graças a doações conseguimos um número grande de livros de gêneros variados e narrativas de alguns autores da literatura infantil como Monteiro Lobato e Cecília Meireles. Como eram muitos os livros, procurávamos sempre renovar o acervo a cada encontro.

Após as apresentações, finalmente chegou a hora da narrativa. A história escolhida foi: “O Homem que Amava Caixas” de Stephen Michael King.



Imagem 3: Narrativa do dia

Fonte: Google Imagens

A narrativa escolhida pelas próprias crianças foi com certeza foi uma ótima escolha, que serviu de base para darmos início ao nosso diálogo, até por se tratar de uma temática muito leve, pois a história fala de amor. Do amor de um pai para com suas caixas, mas também do amor de um pai para com seu filho, ainda que ele não soubesse muito bem como expressar este sentimento diretamente; mas por meio do seu grande apreço por caixas de todos os tipos, tamanhos e formas, ele sempre acabava demonstrando seu sentimento através delas.

Ao longo de toda a narrativa os pequenos olhavam, atentos, as imagens do livro que a monitora apresentava, sempre dando ênfase a algumas falas e chamando a atenção para alguma cena. Pude observar que um ou outro olhava desconfiado, sem saber muito bem o por

que de aquele homem gostar tanto assim de algo, neste caso, de caixas. Confesso que até eu me identifiquei muito com a narrativa, pois me fez lembrar de coisas que eu gosto muito e que me deixam feliz.



Imagem 4: Momento da contação da história

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Ao final da narrativa, ainda sentados em roda, perguntamos o que mais chamou a atenção de cada um deles (as), o que mais gostaram da história e por que. Logo a timidez que surgiu no início da oficina foi embora e deu espaço a um enorme falatório de todos ao mesmo tempo. Neste momento pedimos que aquele (a) que quisesse falar levantasse a mão para que assim pudéssemos ouvi-los (as) de forma mais clara. Cauã foi o primeiro e quando questionado sobre o que mais gostou na história, logo respondeu: “Tia, eu também gosto de caixas.” Em seguida a monitora perguntou o motivo dele também gostar de caixas, assim como o personagem da história. Ele apenas sorriu tímido, e não respondeu. Percebi logo de cara aqueles que mais gostavam de falar e percebi também que tinha aqueles (as) que de fato eram mais tímidos (as), principalmente as meninas.

Ao longo da oficina as crianças foram se soltando e demonstrando curiosidade com tantas novidades, mas também muito interesse pela leitura, pelo espaço e pelos livros.

Logo em seguida, ao final da leitura, partimos para outra atividade do dia. Pedimos aos pequenos que se dirigissem até a prateleira e pegassem algum livro para ler, qualquer um e quantos quisessem também. Sugerimos que observassem tudo, a capa, os desenhos, a história em si e até mesmo aquelas crianças que não sabiam ler participaram da atividade. Foi

um momento em que permitimos que eles se sentissem à vontade para escolher e compartilhar com os colegas suas escolhas, assim como tudo o que havia acontecido até o momento.



Imagem 5: Momento da escolha dos livros para leitura

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Junto à atividade servimos o lanche, para que o momento fosse ainda mais prazeroso e descontraído. Os lanches geralmente sempre faziam sucesso, eles gostavam bastante e também era um dos momentos que todos podiam dialogar entre si e também conosco, monitores (as).

Para que pudéssemos encerrar nossa oficina com chave de ouro, logo após o momento de leitura a monitora anunciou que os pequenos participariam de uma brincadeira e que tinha relação direta com os livros. Este foi o momento auge do nosso encontro, com toda certeza! Dividimos as crianças em pequenos grupos de três crianças e, para cada grupo uma monitora responsável. A brincadeira era caça ao tesouro e o tesouro não poderia ter sido algo mais representativo: era um baú cheio de livros.

A atividade rendeu, e como rendeu! A ideia era fazer com que os pequenos trabalhassem em grupo. O objetivo da brincadeira era seguir as pistas que foram deixadas horas antes pela equipe em lugares específicos para que os componentes do grupo, com a ajuda da monitora, pudessem localizá-las e assim chegar à próxima pista, até que finalmente chegassem ao tesouro.

Meu grupo, em especial, foi bastante competitivo e nos divertimos do início ao fim. Todos participaram entusiasmados, pois não sabiam o que tinha dentro do baú. A competição foi bastante acirrada e pude perceber que, ali, durante a leitura das pistas, havia uma

dificuldade em relação à leitura, porém nada que atrapalhasse o andamento da brincadeira. De fato, essa atividade serviu como breve avaliação de alguns aspectos relacionados ao nível de leitura e como eles lidavam com o trabalho em equipe, com a competitividade e a interpretação das mensagens que as pistas queriam transmitir, pois para que se pudessem chegar à próxima pista era necessário interpretar o que estava escrito nas fichas.



Imagem 6: Momento em que o grupo localiza a primeira pista.

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Feito isso, partimos para a segunda parte da caça ao tesouro. A cada pista encontrada, nosso grupo saía em busca das próximas. Corremos por toda parte, mas infelizmente meu grupo não foi o vencedor. Um grupo chegou antes ao tesouro, para surpresa e alegria dos demais grupos e minha também. Quando, finalmente, o baú do tesouro foi localizado, foi só alegria, os pequenos ficaram curiosos para saber o que tinha dentro desse baú, o que seria esse tesouro. O baú foi encontrado na nossa biblioteca, lugar que inclusive meu grupo já tinha passado, porém não tínhamos a mínima ideia de que o tesouro estava escondidinho por lá.



Imagem 7: Tesouro encontrado!

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Quando finalmente o tesouro foi encontrado, o segredo foi revelado! O grupo vencedor levou o baú até o local de leitura para que todos os outros grupos pudessem participar do momento que o tesouro fosse revelado. Para a surpresa de todos o tesouro era livros, muitos livros, de vários gêneros e autores, cores e tamanhos, formas e aventuras, quantas aventuras! Como foi lindo poder presenciar esse momento, as crianças ali abrindo aquele enorme baú e revelando o maior tesouro que eles poderiam ganhar. Livros: a nossa maior recompensa, o que representa o nosso projeto, nosso trabalho, nosso instrumento principal, nosso grande aliado.



Imagem 8: Desvendando o tesouro!

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017



Imagem 9: Nossa recompensa

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Depois de toda essa emoção é que os ânimos se acalmaram e finalmente os pequenos entenderam que o objetivo principal da nossa brincadeira foi, antes de tudo, demonstrar através da busca de um baú, que os livros e a leitura são o maior tesouro. Nosso objetivo era apontar como a leitura é algo valioso, precioso e como ela é capaz de transformar realidades.

Por fim, os pequenos desenvolveram uma última tarefa voltada para os livros, para a narrativa que foi feita e principalmente, para a brincadeira que realizamos. Distribuímos algumas folhas de papel, lápis de cor e giz de cera para que eles pudessem desenhar, de modo livre, o que eles quisessem. Propiciamos que esse momento ficasse voltado para as reflexões das crianças, para que assim pudéssemos ter uma ideia do que nos esperaria nas próximas oficinas e, claro, para saber como tinham vivenciado a primeira, o que elas tinham absorvido daquilo tudo, de todos os momentos.

Por se tratar da nossa primeira oficina, do nosso primeiro contato com as crianças, tudo foi conduzido de forma tranquila sem que exigíssemos muito, pois nosso intuito era fazer com que nossa proposta de trabalho com a leitura e exploração do universo literário, dos gêneros e das próprias narrativas, fosse desenvolvida por meio de um trabalho conjunto entre as crianças e nós, colaboradores do projeto e que isso fosse realizado de modo que eles

pudessem, num primeiro momento, compreender que o livro está para além da escola, para além da leitura obrigatória que é feita em sala de aula.

5.2 OFICINA II

TAMBÉM SOU PROTAGONISTA!

OBJETIVO GERAL

Proporcionar o levantamento de questões relacionadas à representatividade, respeito ao próximo, expressões e características individuais de cada um.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver o interesse pelas características físicas e individuais de cada um.
- Estimular o respeito ao próximo, pelas diferenças do outro.
- Levantar questionamentos sobre o que significa ser diferente.
- Ressaltar as próprias características e qualidades.

ATIVIDADES

- Apresentação do convidado do dia para a leitura da narrativa;
- Leitura da história “As tranças de Bintou”, de – Sylviane Anna Diouf;
- Questionamento sobre a história que foi lida, exemplo: se já tinham ouvido a narrativa em outro lugar;
- A história devidamente interpretada através das imagens do próprio livro e/ou de slides, fantoches, etc. todos sentados em roda;
- Ao longo da narrativa, promoção do diálogo entre narrador e ouvinte, levantando algumas questões sobre o que está sendo lido;
- Confeção de uma boneca feita de retalhos, criada a partir da inspiração da história, cada uma com características próprias.

MATERIAIS

- Livro “As tranças de Bintou”;
- Materiais lúdicos: slides com as imagens do livro, leitura dinâmica;
- Retalhos de tecido coloridos.

NARRATIVA E REFLEXÕES

Como já era de costume, no dia desta oficina tivemos o privilégio de receber em nosso projeto a professora Eduarda, nossa convidada que fez a leitura da história “As tranças de Bintou”. A narrativa nunca tinha sido ouvida pelos pequenos e confesso que também foi a primeira vez que a escutei.

Na semana que antecedeu o encontro, para que pudéssemos realizar a oficina, foi realizado um levantamento, junto ao grupo de planejamento, de ideias e sugestões de alguns temas que poderíamos estar abordando, tendo em vista que todas as oficinas eram temáticas e regidas pela leitura de um livro literário. E a partir desta leitura eram realizadas atividades, gerando reflexão e diálogo. E, o mais importante, o encantamento pela narrativa em si, e pela mensagem a ser transmitida.

A história escolhida foi justamente uma que levantava questões sobre representatividade e singularidade, sobre identidade étnico-racial, sobre ser criança e como todas elas fazem parte das narrativas infantis, fugindo assim da história tida como “tradicional”, com personagens sendo representados de um modo padronizado. Num dado momento houve receio em relação à compreensão das crianças sobre a mensagem que a narrativa poderia passar, porém o resultado foi melhor do que o esperado.

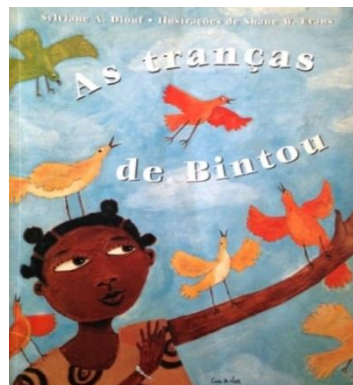


Imagem 10: Livro “As tranças de Bintou”

Fonte: Google imagens

O livro relata o conflito vivenciado por uma criança negra que não sabe lidar com seus “dilemas” de criança, neste caso com o jeito diferente do seu cabelo. A narrativa apresenta a história de uma menina que se chamava Bintou, uma criança que não se conformava com seus cabelos, pois os desejava de outro jeito. Porém sua família, principalmente sua avó, não concordava com tal mudança, alegando que crianças não poderiam perder tempo com vaidades, dizendo ainda que crianças tinham que ser crianças. Porém Bintou, como grande sonhadora que era, se espelhava em sua irmã mais velha que tinha os cabelos repletos de tranças lindas e enfeitadas com conchas e missangas.

De certo modo a história pôde proporcionar momentos reflexivos, de compreensão da própria representatividade vista de outra perspectiva. A este respeito Sandroni & Machado (1998) afirmam que a criança, ao ler ou escutar uma história, pode identificar-se com um determinado personagem, vivenciando por sua vez uma situação similar a alguma que ela já tenha vivido antes ou esteja experimentando no presente.

O que queríamos trabalhar durante a realização desta oficina foi poder mostrar que as histórias dos livros infantis se encontram repletas de personagens que tratam de conflitos reais e que todas as crianças possam se enxergar nessas histórias e perceber que cada uma com as suas individualidades e diferenças, podem se sentir representadas, bem como Abramovich (2001) nos fala ao afirmar que a literatura infantil pode ser caracterizada como um fenômeno advindo da criatividade, mas também da representatividade social do homem.



Imagem 11: Confeção das Abayomis

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Nossa convidada fez o uso de data show para narrar a história aos pequenos e com isso fazer com que todos pudessem observar os personagens e, de alguma maneira, se sentirem conectadas à narrativa. Eduarda conduziu a oficina de modo muito lúdico e sempre trazendo para si a atenção de uma ou outra criança que por algum momento ficava dispersa, algo que sempre foi tratado com muita naturalidade e compreensão. Conforme era feita a leitura, a professora usava de alguns recursos como, por exemplo, o aumento do tom da voz para reproduzir a fala de algum personagem. Ou pedia para que alguma criança dissesse o que estava acontecendo na cena mostrada, gerando assim interesse e participação do grupo pela narrativa. Como foi o caso de Maria, que em um dado momento perguntou: “Tia, mas por que a Bintou não gostava do cabelo dela?”.

Durante toda a narrativa foi possível perceber que as crianças se questionavam sobre o que iria acontecer com a personagem principal da história e sobre como as pessoas que faziam parte da vida da dela poderiam ajudá-la.



Imagem 12: Apresentação da narrativa

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Pude observar que alguns dos pequenos de fato se viram na história e puderam se sentir de alguma maneira representados, identificando-se com a protagonista da história. A narrativa levantou reflexões em relação não somente as questões voltadas para a representatividade, mas também em relação ao modo como cada criança se enxerga dentro

daquilo que ela considera como sendo algo bom ou ruim (valores), bonito ou feio (estética), certo ou errado (ética) dentre outros aspectos, destacando-se questões relacionadas à sua identidade étnico-racial, à imagem corporal, ao respeito por si própria, pela sua individualidade e também pelo outro.

Após a leitura, foram feitas algumas perguntas sobre a história, como por exemplo: “Por que Bintou queria tanto mudar seu cabelo?” conduzindo os pequenos a momentos de diálogo e reflexão. Em seguida, foi pedido a cada criança que pudesse olhar para si e se auto-observar, percebendo que cada uma possui características únicas e a partir disso compreender que as suas individualidades é o que os torna especiais em relação aos demais.

Após a leitura realizamos uma atividade que proporcionou aos pequenos momentos de descontração e envolvimento. Eduarda, nossa convidada, apresentou a eles a Abayomi, uma boneca negra feita de retalhos de tecido colorido e que, segundo tradições antigas, possui o dom de trazer alegria. De fato foi um momento bastante alegre. Cada criança confeccionou sua própria boneca. O material utilizado foi disponibilizado pela professora.



Imagem 13: Confeção das Abayomis com as crianças

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Também pude contribuir com a atividade proposta, confeccionando minha própria Abayomi junto às crianças. Ao longo de toda a oficina percebi que alguns se sentiram mais à vontade estando na companhia dos colegas, outros preferiram ficar sozinhos e os pequenos

solicitaram minha ajuda em determinados momentos, como foi o caso da pequena Joana que pediu para que eu lhe ajudasse a fazer uma Abayomi igual à minha. Ao verem sua atitude, outras crianças também pediram meu auxílio na confecção do turbante da boneca.



Imagem 14: Confeccionando minha própria Abayomi

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Ficou bastante evidente o envolvimento das crianças em todo o contexto da história e na atividade que desenvolvemos em seguida. Observei também que alguns dos relatos que surgiram durante a leitura da história eram sobre conflitos ou alguma situação que uma ou outra criança já havia presenciado ou vivenciado.

Ao refletir sobre as experiências que os pequenos puderam vivenciar durante as oficinas, percebi que as narrativas permitem que todas as crianças possam ser protagonistas das histórias que apresentamos. Isso é algo que implica que se aproximem ainda mais dessas narrativas que são voltadas a elas, percebendo que os conflitos existem e que é possível solucioná-los.

Ainda sobre as questões voltadas à representatividade e à construção de uma identidade étnico-racial nas crianças, é válido ressaltar que são discursos que abrangem todo um contexto social e histórico no qual as crianças se encontram inseridas; e que utilizar-se de um trabalho pedagógico em um contexto informal, assim como acontece no projeto LeiA, trabalho este desenvolvido atrás da leitura, nos permite enquanto educadores proporcionar a essas crianças autonomia, confiança e atitudes promotoras da igualdade racial. Bento (2011) nos apresenta, a este respeito, a seguinte consideração:

A construção da identidade é um processo extremamente complexo, e que permite a singularidade de cada um de nós. As heranças, o acúmulo coletivo, o aprendizado de hoje formam um amálgma, diferente para cada sujeito ao interagir com aspectos muito particulares que trazemos em nosso aparelho psíquico. Ou seja, identificar-se é conviver interagir e também pode ser separar-se do outro, diferenciar-se, constituir-se em suas singularidades. (BENTO, 2011, p. 107).

O livro sobre a história de Bintou com certeza levou-nos a um novo olhar sobre as diferenças, assim como um novo significado, em se tratando de uma narrativa curta, porém com tantas mensagens a serem transmitidas e com uma riqueza de lições e aprendizados, tanto para as crianças que participam do projeto, como para nós, colaboradoras de um trabalho feito com amor, dedicação e muito respeito aos pequenos, o que faz com que nosso todo nosso esforço e dedicação sempre valham a pena.

5.3 OFICINA III

ONDE VIVEM OS LIVROS?

OBJETIVO GERAL

Proporcionar às crianças momentos de descoberta e de estímulo ao imaginário por meio de uma visita guiada a uma livraria e por meio disso mostrar o quão grande pode ser o universo literário e seus respectivos gêneros.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Proporcionar um encontro direto com os livros literários.
- Proporcionar momentos de descontração e de estímulo à imaginação.
- Identificar quais gêneros as crianças se sentiam mais à vontade para ler.

ATIVIDADES

- Reconhecimento da livraria, exploração do ambiente;
- Passeio guiado com as monitoras para o esclarecimento de possíveis dúvidas em relação aos livros;
- Contação de histórias por grupos, o livro seria escolhido pelas próprias crianças;
- Escolha de um livro para levar para casa;
- Diálogo sobre o que é uma livraria, explicações sobre o ambiente, como escolher um livro, qual é a real importância da leitura e a função dos livros;

MATERIAIS

- Crachás de identificação.

NARRATIVA E REFLEXÕES

Nossa primeira oficina realizada fora do local do projeto. Já era um desejo antigo da nossa equipe realizar um passeio com os pequenos, mas sempre surgia um imprevisto de última hora que nos impedia de realizar tal atividade. Porém, depois de muito planejamento e organização conseguimos levar as crianças a um lugar que nenhum tinha tido a chance de conhecer. Nosso passeio foi a uma livraria que fica em um shopping de Brasília.

Como o LeiA acontece no entorno do DF, todas as crianças que fazem parte do projeto moram nas redondezas e a maioria delas nunca ou quase nunca foram a Brasília ainda que para conhecer. Tendo em vista que as crianças que fazem parte do projeto são menores, tivemos todo um cuidado desde o planejamento da atividade até a execução. Houve um processo onde os pais tiveram que autorizar a saída de cada um deles e nós monitoras nos dividimos de modo que para duas ou três crianças dois monitores ficariam responsáveis. Tudo saiu conforme o planejado! Foram um total de 10 crianças e todas devidamente identificadas com crachás, assim como cada um de nós.

O embarque aconteceu logo cedo no local onde acontece o projeto, no Pedregal e nosso transporte foi cedido pela UnB assim como sempre ocorreu todos os sábados, sempre agendado com antecedência por parte da equipe responsável. Ao chegarmos no local fizemos a primeira chamada para conferir quem estava presente e em seguida distribuímos os crachás. Seguimos viagem e ainda no caminho foram passadas algumas instruções aos pequenos, como por exemplo, sempre andarem juntos, surgindo qualquer imprevisto sempre comunicar o monitor responsável ou algum que esteja por perto, evitarem ficar sozinhos ou saírem de perto do grupo, tendo em vista que o local para onde estávamos a caminho era um shopping onde existia o risco de algum se perder, dentre outras informações. Os pequenos foram bastante atenciosos e estavam ansiosos também, afinal tudo ali era novidade para eles.

Num dado momento pude presenciar um deles explicando ao colega que estava ao seu lado o caminho que estávamos seguindo, enquanto os dois olhavam pela janela um seguia identificando qual era tal lugar. Neste momento surgiu em mim um momento nostálgico e ao mesmo tempo reflexivo, pois eu fiquei imaginado que essa saída de campo para muitas daquelas crianças era algo totalmente novo e fora da realidade deles, me atrevo a dizer que

talvez um momento único na vida, pensei também no que o LeiA representa para eles, o quão transformador estava sendo tudo aquilo, aquele momento que aparentemente parecia tão simples, mas que para eles era algo totalmente fora do normal.

Seguimos viagem, foi tudo bem tranquilo, a empolgação tomou de conta de todos nós! Quando finalmente chegamos, fizemos mais uma contagem das crianças e nos organizamos, cada monitor com suas respectivas crianças. A livraria que visitamos é conhecida por receber escolas de todo o DF e do entorno também, as visitas são marcadas com antecedência e o número de crianças deve ser informado para controle interno. Fomos recebidos pela equipe da livraria, todos bastante solícitos e nos passaram algumas instruções em relação ao espaço e também em relação aos livros, mais por conta da segurança dos pequenos, pois no meio da livraria existe um espaço que é todo voltado às crianças, com almofadas, pufes, bancos para leitura e um enorme dragão que foi uma das grandes atrações daquela manhã.



Imagem 15: Grande dragão

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Desde a nossa saída do projeto até a chegada à livraria, conduzimos tudo de forma muito tranquila, as crianças não deram nenhum trabalho e tudo saiu conforme o nosso planejamento. Num primeiro momento as crianças foram reconhecendo o ambiente, deixamos com que ficassem livres para que pudessem explorar um pouco a livraria, tirar dúvidas, se encantarem por aquele espaço. O ponto alto com certeza foi o dragão, com lugares para sentar e peças coloridas um ambiente bastante lúdico. A livraria possuía dois ambientes, térreo e primeiro andar, as enormes prateleiras tomadas por livros dos mais variados autores e gêneros faziam parte daquele cenário mágico, ainda na área infantil filmes eram transmitidos em monitores que compunham o espaço.

Logo após este momento de familiarização do ambiente partimos para nossa primeira atividade. Pedimos aos pequenos que se acomodassem no enorme banco de madeira que era embutido ao grande dragão para que pudéssemos dar início aos trabalhos. Primeiramente, a euforia tomou um pouco de conta de todos eles, mas logo cessou. Neste dia contamos com a presença da professora Rosana, ela que nos acompanha desde o principio do projeto, sempre nos deu todo suporte em relação ao LeiA e as nossas propostas, uma das pioneiras do nosso projeto pode-se dizer assim e contamos também com a presença da escritora Vitória foi ela quem conduziu a primeira leitura da nossa oficina. Foi lida uma poesia de sua própria autoria, em seguida os pequenos foram conduzidos a um breve momento de reflexão sobre o que avia sido lido. E, dando continuidade as nossas atividades todos ainda sentados lado a lado em meio a tanta ansiedade, a professora Rosana seguiu perguntando aos pequenos o que eles estavam achando sobre o passeio a livraria até aquele momento. As respostas foram unanimes: “Tia é tudo tão bonito aqui.”. O que mais ouvi foi: “Tia, nunca tinha vindo a uma livraria.”.

As respostas surgiam e os olhos brilhavam, essa oficina mexeu comigo de uma forma diferente, a todo tempo me questionava sobre como era difícil compreender que um espaço era tido como “de todos” na verdade não era bem assim. O que para mim era algo normal e super acessível para aqueles pequeninos, que víamos todos os sábados cheios de curiosidades e sonhos era algo tão fora da rotina, talvez um acontecimento único levando em conta a realidade de cada um.

A professora deu continuidade às perguntas e sempre fazendo com eles refletissem sobre aquele espaço, sobre os livros e claro sobre a importância que eles exercem sobre a vida, porém não sozinhos! Como o grupo de crianças era relativamente pequeno e com variações nas idades, os maiores foram os que mais ficaram atentos a toda a oficina e as atividades que desenvolvemos, porém tinham os menores que demandavam um pouco mais de atenção. Como ficamos responsáveis por determinadas crianças, na prática acabou que ficamos responsáveis por todos principalmente pelos pequenos que só queriam saber de aproveitar ao máximo a livraria.

Após o nosso momento de diálogo solicitamos que os pequenos explorassem um pouco mais os livros, só que desta vez escolhessem um ou até mais de um que fosse da preferência de cada um para que uma breve leitura fosse feita ali mesmo na livraria. Pedimos que, ao escolherem os livros observassem alguns detalhes como o tema do livro, o gênero, as gravuras, as letras, as cores, o livro em si. Toda esta etapa foi monitorada de perto para que

pudéssemos tirar o maior número de dúvidas possíveis dos pequenos e claro para garantir a segurança de todos.

Entre as crianças menores os livros que fizeram mais sucesso foram os de colorir e aqueles que possuíam algum tipo de acessório como massinha de modelar ou lápis de cor. Os livros sobre contos de fada também ficaram entre os mais escolhidos pelas meninas principalmente. Já os meninos, se debruçaram sobre outras temáticas como os livros que falavam de carros, dinossauros e outros assuntos do gênero, os super-heróis não ficaram de fora. Percebi que os meninos eram mais bem específicos quanto as suas escolhas, foleavam e não se deixavam atrair por uma bela capa ainda que fosse um determinado personagem. Para nossa alegria alguns procuravam se orientar pelos livros que temos no projeto, perguntando: “Tia, eu queria aquele mesmo livro que temos lá no LeiA.” Neste caso o livro em questão era O Pequeno Príncipe. Neste momento não sei quem esboçou mais felicidade, se fui eu ou meu pequeno leitor Bruno.

Apesar de serem tantos livros, gêneros e autores diferentes conseguimos lidar bem com as escolhas e também com as dúvidas.

Feita a escolha do livro, cada pequeno se acomodou em um lugar da livraria e aqueles que não sabiam ler pediam aos monitores que os ajudassem na leitura, houve também a formação de pequenos grupos que gostariam a leitura fosse feita de forma coletiva, dividindo assim a narrativa escolhida com os colegas, o que fizemos com todo carinho e levando em conta que o número de monitores era maior que a quantidade de crianças eu fiquei responsável por observar se tudo estava em ordem, por que nem todas as crianças optaram pelo momento de leitura, preferiram ficar por ali descobrindo um pouco mais o que aquelas prateleiras tinham de melhor e de mais curioso a oferecer.



Imagem 16: Escolha dos livros



Imagem 17: Momento de explorar os livros

Passado este momento, ainda com toda aquela movimentação na livraria por conta da atividade da leitura, pedimos aos pequenos que voltassem para o mesmo lugar onde foi realizada a atividade inicial. Neste momento nos juntamos a eles para uma breve fala da professora Rosana. Dialogamos sobre algumas questões relacionadas a livraria, sobre os livros, sobre a atividade de leitura, sobre o que eles tinham achado da leitura e também levantamos alguns questionamentos como por exemplo: quais gêneros e quais temas eles mais gostavam de ler e por que!

Essa parte da oficina foi de muita interação, as crianças compartilharam conosco o que tinham vivido até aquele momento, expressaram suas emoções e conversaram bastante e a essa altura da oficina foquei em observar o todo. Observar o entusiasmo, a alegria, a euforia dos pequenos sobre o passeio, sobre a livraria, sobre os livros, sobre os espaços que eram destinados a eles e sobre a oficina de um modo geral. Até o momento em questão busquei me atentar ao modo de como as crianças do projeto estavam lidando com a ideia de explorar a leitura em outros espaços, pude notar que o passeio à livraria de certo modo pôde ampliar a visão de mundo dos pequenos, visão para uma nova realidade, um espaço diferente do qual eles estão habituados. O intuito da nossa saída de campo foi poder explorar juntamente com as crianças todo um universo literário num espaço diferente do LeiA e diferente da escola, um lugar onde os livros são protagonistas. As autoras Sandroni & Machado (1998) vem nos dizer que:

É ponto pacífico que o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo, através das influencias recebidas da atmosfera cultural de que ele participa. (SANDRONI & MACHADO, 1998, p. 59).



Imagem 18: Encerramento da nossa oficina

Fonte: Drive Projeto LeiA 2017

Finalizamos nossa oficina e o desejo dos pequenos era poder levar todos os livros para casa. Neste momento uma cliente que estava na livraria observou toda aquela movimentação das crianças e sem entender muito bem o que estava acontecendo interessou-se por saber quem eram e o que faziam ali foi então que, mais uma vez a professora Rosana entrou em cena explicando a cliente quem éramos o que estávamos fazendo na livraria e o porquê.

Ela explicou brevemente a proposta do projeto e como chegamos até ali, foi ai que ela disse também que as crianças tinham esse desejo de poder levar algum livro para casa, mas que não seria possível uma vez que não tinha recursos para isso. Neste momento a cliente que até então era alguém anônima escolhendo alguns livros para levar para casa se viu em meio ao nosso LeiA, encantando-se por ele de uma forma única e tendo em vista o seu amor pela leitura e principalmente pelos projetos que trabalham com a mesma ela decidiu que realizaria o desejo dos pequenos, cada um poderia escolher um livro para levar para casa.

Um último pedido foi feito as crianças, primeiro foi estipulado um valor x do livro que eles poderiam levar e em seguida pedimos que cada um escolhesse um. E assim o fizeram, a empolgação tomou de conta de toda a livraria. Nós acompanhamos tudo de perto

sempre de modo a auxiliá-los nas escolhas, mas deixando com que se sentissem livres para tal ação. Este foi um dos tantos momentos onde eu pude perceber que não se tratava apenas de um presente, ou pelo fato de ser só mais livro e sim pelo o que o todo significava o passeio, a interação, a escuta sensível, o espaço, o cuidado e a importância de estarmos ali e da forma como tudo se encaminhou. Durante nossas oficinas procurávamos demonstrar as crianças que a leitura é de todos e para todos e que os espaços de leitura podem e devem ser ocupados por eles.

5.4 OFICINA IV

TRAÇANDO HISTÓRIAS: O INCRÍVEL MUNDO DA LEITURA!

OBJETIVO GERAL

Ressaltar a importância da leitura e os prazeres que ela pode nos proporcionar.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Favorecer momentos de reflexão sobre a importância da leitura.
- Estimular na criança o prazer, à vontade e o interesse pelo universo da leitura.
- Proporcionar uma aproximação com autores de livros infantis.

ATIVIDADES

- Apresentação do livro “Uma traça sem graça”, de – Regina Celia Melo;
- Apresentação da narrativa com fantoches manuseados pelas próprias crianças;
- Produção de desenhos sobre a história que foi lida;
- Momentos de reflexão acerca da importância que a leitura exerce na vida de cada um;
- Descobrimo a moral da história;

MATERIAIS

- Livro “Uma traça sem graça”
- Telas de papel A4;
- Tinta, pincel, lápis de cor, canetinha, giz de cera;
- Fantoches;

NARRATIVA E REFLEXÕES

Nossa oficina iniciou-se como de costume, com um acolhimento as crianças, a apresentação dos convidados do dia e da história a ser narrada e, logo em seguida, a contação de história.

Nossa convidada foi quem conduziu toda a dinâmica junto aos pequenos, a professora Ana. Uma professora com um carisma todo especial que proporcionou a todas nós momentos de envolvimento e entusiasmo com a trama e, claro, com os personagens.

A história escolhida foi “Uma traça sem graça”, da autora Regina Célia Melo. A narrativa fala sobre uma traça que por sua vez não gostava de traçar papel, até que um dia tudo muda e a traça passa então a encher-se de graça quando descobre que ao traçar as páginas dos livros de autores como Cecília Meireles e Monteiro Lobato ela descobre o sabor das palavras e também das histórias. Desde então a traça começa a traçar um novo caminho em sua vida de traça.



Imagem 19: Livro “Uma traça sem Graça”

Fonte: Drive Projeto LeiA 2018

Logo no início, já na apresentação da história, foi perguntado às crianças quem gostaria de contribuir com a narrativa, assumindo o lugar dos personagens por meio de

fantoches que foram trazidos por nós, também participantes da oficina. Todos levantaram as mãos querendo participar. A escolha foi feita de modo aleatório pela própria professora.

De um modo leve e bastante descontraído, a história ressalta o quão importante é a leitura, principalmente para o nosso crescimento e, claro, para o despertar do prazer que tal hábito pode nos proporcionar. A este respeito Sandroni & Machado (1998) afirmam que:

Se a leitura deve ser um hábito, deve ser também fonte de prazer e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos e encarada como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler. (SANDRONI & MACHADO, 1998, p. 11).

Foi possível perceber que os pequenos, ao ouvirem a narrativa, puderam refletir sobre o tema de uma maneira muito tranquila. Uma das atividades propostas na oficina foi justamente demonstrar, através de uma boa leitura literária, como a leitura pode ser tratada como algo bom, leve, divertido, lúdico, mas sem deixar de lado sua relevância em todos os âmbitos.

O que tornou a atividade ainda mais interessante e divertida foi o fato da professora ter feito o uso de fantoches para a representação dos personagens durante a narração da história. Cada criança ficou com um determinado personagem, que no caso eram as traças que faziam parte da narrativa.



Imagem 20: Apresentação dos personagens

Fonte: Drive Projeto LeiA 2018

Ana conduziu toda a oficina de forma que todas as crianças puderam participar e não somente aquelas que estavam à frente, representando os personagens da história. Durante a narração a professora também fez o uso do próprio livro como recurso visual sempre lendo em voz alta e dando ênfase às falas. A leitura, quando feita em voz alta, faz com que o leitor detenha toda a atenção da criança sobre o que está sendo lido, envolvendo sua imaginação, pensamento e afetos, demonstrando que:

As crianças, além de devotarem uma enorme atenção à história (e o professor sabe o quanto isso significa em termos de audição reflexiva, estímulo à imaginação e organização do pensamento!), sentem-se estimuladas a ler os livros por si mesmas, ou a buscar outros sobre o mesmo assunto. (SANDRONI & MACHADO, 1998, p. 25).

O que me chamou bastante a atenção, além da professora ter utilizado os fantoches, foi também o fato de as crianças interpretarem até mesmo algumas falas, como foi o caso de Luisa, que ficou responsável por representar uma das traças e que, ao experimentar traçar papel, descobriu como as palavras podem ser saborosas, através do som de “Nhac – Nhac”. O momento arrancou risadas dos pequenos e dos demais participantes.

O entusiasmo pelo desfecho da história era grande e a empolgação com os colegas também: pude observar que os pequenos ficavam intrigados com aquela traça danada que não gostava de traçar papel, mas que ficou feliz ao descobrir como era bom o sabor das páginas de um bom livro.



Imagem 21: Apresentação das traças

Fonte: Drive Projeto LeiA 2018

Após a contação da história foi dado início às reflexões sobre o tema da oficina, com base na leitura, no livro em si e, claro, nos personagens, trazendo à tona indagações como:

- “Por que a traça não gostava de traçar papel?”.

E logo em seguida as crianças respondiam usando termos como: “Por que ela era preguiçosa, tia.” Ou ainda: “Por que ela não tinha experimentado o sabor das palavras.” As respostas eram sempre muito bem formuladas e faziam todo sentido. Ao longo de todo o momento de fala, os pequenos participavam, sempre querendo fazer uma colocação ou outra.

Em seguida partimos para as atividades. Primeiramente, foi distribuído o material que seria utilizado e, após a entrega, foi pedido aos pequenos que desenhassem o que mais gostaram ou que mais lhe chamou a atenção na história. O momento de realização das atividades sempre é um momento chave no decorrer da oficina, pois é o momento que as crianças podem se expressar, seja falando, desenhando, como foi o caso da atividade, conversando com os colegas e sempre pedindo ajuda para as “tias”, neste caso, eu, e também aos coleguinhas.



Imagem 22: Momento da realização da atividade com as telas de pintura

Fonte: Drive Projeto LeiA 2018

O ponto alto da oficina foram os momentos finais, pois para a surpresa de todos, e para a minha também, a própria autora do livro estava presente, nos dando a honra de prestigiar nosso trabalho no projeto, juntamente com as crianças. Os pequenos ficaram impressionados

ao saberem que a pessoa que escreveu a história passava a manhã conosco, acompanhando a narrativa e contribuindo com suas reflexões quando se deu início ao debate sobre a narrativa.

A autora do livro Regina Célia Melo pôde nos prestigiar naquela manhã, observando e contribuindo como o nosso trabalho. A autora que é natural de Minas Gerais, onde concluiu seu magistério rendeu-se a Brasília em 1976 cidade está que trabalhou na secretaria de educação como professora de crianças. Formada em letras, direito e artes plásticas especializou-se em literatura brasileira e também, em educação especial.

Em se tratando da presença de autores nas atividades realizadas a partir das obras literárias, Sandroni & Machado (1998) apresentam as seguintes sugestões:

Presença de autores. Lendo histórias, dando entrevistas, batendo papo informalmente com crianças e adolescentes, participando de suas atividades, o autor, com sua presença atuante, é sempre um convite à leitura.” (SANDRONI & MACHADO, 1998, p. 33).



Imagem 23: A autora Regina Célia fazendo entrega de pipocas ao final da oficina

Fonte: Drive Projeto LeiA 2018

Foi um momento de total envolvimento de todos os participantes da oficina. Fiquei encantada ao observar como as crianças reagem com entusiasmo à presença da autora enquanto ela ressaltava a mensagem que quis passar aos pequenos leitores sobre a importância da leitura e como ela pode ser “saborosa” quando bem explorada, capaz até mesmo de viciar,

contribuindo diretamente para a formação de cada um. Assim como a traça que dizia não gostar de traçar papel, ao experimentar o vasto universo das palavras, das histórias e dos autores, percebeu como era bom e prazeroso realizar tal atividade, acontece também com as crianças quando decidem conhecer e assim passam a se interessar pela literatura, pela leitura, pelas histórias, pelos autores, pelos personagens, pelo encantamento de cada narrativa, pelo conjunto da obra.

Ao longo de todas as oficinas das quais participei, essa foi uma das quais eu pude refletir acerca de como as crianças enxergam o universo literário e o que faz com que se interessem pela leitura, pela literatura em si. Como é despertar pelo desafio de descobrir que a literatura infantil é tão rica e oferece as mais variadas histórias e gêneros literários e a partir disso podem-se desenvolver hábitos que serão levados para a vida toda. Pude perceber como a proposta do projeto LeiA é algo que está para além dos nossos muros coloridos, é algo que visa colocar a criança em lugares que nem elas mesmas imaginam chegar, e tudo isso sem sequer sair do lugar. Essa aventura é o que o incrível mundo dos livros e da leitura é capaz de proporcionar e não somente aos pequenos, mas também para quem faz parte dessa trajetória, educadoras como eu.

Mais uma oficina realizada com sucesso! Com participação total dos pequenos, muita interação e encantamento pelas atividades realizadas. Quem diria que a companhia de traças seria capaz de tal façanha?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Monografia teve como objetivo geral refletir acerca do trabalho pedagógico realizado com a literatura infantil na formação da criança leitora em contexto informal. Creemos ter realizado esse objetivo, na medida de nossas possibilidades.

As experiências que pude vivenciar dentro do projeto LeiA me fizeram perceber que a literatura infantil não se restringe aos livros literários: tendo em vista as oficinas realizadas e as reflexões apresentadas, posso dizer que a literatura infantil está para além das narrativas. É necessário que aconteça um encontro imaginativo entre o leitor e o livro em contextos de escuta da criança e de ludicidade.

As abordagens realizadas durante todo o processo de participação e observação me proporcionaram reflexões e novos olhares sobre a função dos gêneros dentro desse contexto e obras literárias que estão destinadas a este universo. Foi a partir dessas observações que pude perceber que algumas crianças tinham mais interesse por alguns gêneros em relação a outros, foi aí que observei também que a escolha do tema, do gênero literário e a própria história de determinado livro fazia com que a criança sentisse um maior interesse e vontade de ler.

Foi possível perceber, também, que a relação entre a criança e o universo leitor, juntamente com os livros, os gêneros literários e tudo o que permeia um contexto leitor, deve ser algo que se inicia antes mesmo da criança aprender a ler. A inserção dos pequenos num mundo literário é algo que está para além da escola, dos livros didáticos: trata-se de se trabalhar uma leitura de mundo e tudo aquilo que os cerca, junto com a leitura literária. Por isso identificamos temáticas e livros literários a partir do contexto de vida, necessidades e interesse das crianças.

É totalmente aceitável pensar na leitura como algo que gera na criança um despertar para o mundo, para o seu próprio mundo, fazendo que assim com que seus aprendizados se tornem algo relevante e significativo. A ideia inicial era mostrar como a leitura pode ser uma ferramenta transformadora e importantíssima para a formação de cada um deles, mas principalmente mostrar como ela pode ser útil em outras áreas da vida, a começar pelo costume de ler e logo desenvolver este hábito, tomando gosto pelo mundo leitor e, conseqüentemente, se tornar uma criança leitora.

A maioria das crianças recebeu muito bem as histórias que eram apresentadas. Um dos recursos mais utilizados durante a contação das histórias era o teatro, juntamente com fantoches, filmes e slides. As crianças maiores em dados momentos da leitura ficavam dispersas, não davam tanta atenção ao que estava acontecendo e não interagiam com o momento e nem com o grupo. Faz-se necessário considerar cuidadosamente os cenários, estratégias e recursos pertinentes para cada faixa etária.

Mas no geral as crianças eram colaborativas e procuravam explorar o momento a seu modo, por meio de perguntas. A própria falta de interesse era uma maneira de expor sua opinião, fazendo assim com que o grupo responsável pela oficina tivesse um retorno sobre o que estava sendo lido e se a temática fora ao encontro das expectativas das crianças, ou não.

Foi de suma importância procurar ouvir as crianças, escutar suas opiniões, conhecer seus gostos e suas preferências, saber compreendê-las. Conhecer os desejos e curiosidades individuais é um ótimo modo de um educador incentivar o interesse dos pequenos pela aprendizagem e isso vale também para a leitura, para a aquisição de tal hábito. Assim, percebemos que as quatro oficinas de contação de histórias narradas e analisadas geraram uma aproximação das crianças ao universo literário, contribuindo, na medida do possível, para a formação de pequenos leitores autônomos, competentes e interessados pela leitura literária.

Concluimos que o projeto LeiA, fruto de um trabalho voluntário, faz parte de um conjunto de interesses que estão voltados a crianças que se encontram em cenários que muitas vezes a própria sociedade faz questão de não enxergar, ou simplesmente não considerar a ideia de que a leitura é um instrumento emancipador, transformador e capaz de gerar mudanças de uma realidade tão esquecida e difícil.

O trabalho pedagógico realizado não desconsidera as vivências que cada criança possui, pelo contrário, nosso papel é fazer com que o projeto seja um espaço onde essas crianças se sintam livres e percebam que são seres sociais e que, por meio dessa socialização e da exploração de um universo literário, é possível contribuir para mudar a realidade de cada uma delas.

Nossos desafios não se restringiam somente à vontade de inserirmos as crianças num universo leitor de descobertas por meio da leitura literária e das ações realizadas. Ao longo de dois anos de projeto pude perceber que estamos distantes de solucionar as dificuldades que tangem tal problemática, mas que com certeza estamos no caminho certo para alcançar tais objetivos.

PARTE III
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

É com satisfação e alegria que encerro esta etapa. A graduação com toda certeza foi uma das experiências mais enriquecedoras que já tive. A partir daqui pretendo alçar novos voos, porém meu futuro na pedagogia ainda é bastante incerto. Tudo o que vi e vivi até aqui me ajudou a crescer enquanto ser humano.

Ao longo de todo o curso me questioneei muito sobre a profissional que desejo ser, sempre me perguntei se eu me tornaria uma professora ou uma educadora. Ao longo de seis longos anos percebi que, se de fato eu seguir nessa difícil aventura que é o magistério, desejo ser uma educadora, pois entendo que tal ofício é algo que está para além das salas de aula. Ao longo de toda minha trajetória acadêmica tive referências que sempre me fizeram refletir sobre todos os lados que tangem a profissão.

Tenho planos a longo prazo para um possível mestrado, porém não tenho uma área definida para tal. Pretendo cursar uma segunda graduação, meu grande sonho!

Desejo continuar estudando, afinal este não é fim, é apenas o começo. Pretendo ingressar na carreira pública, ainda que não seja na minha área. O desejo de me tornar funcionária pública é um sonho antigo, sinto que muito em breve ele vai se concretizar.

Não desistirei do magistério, mas sinto que seguirei por outros caminhos a partir de então, talvez não em sala de aula, mas não pretendo ficar fora do âmbito escolar, penso bastante em algo relacionado à gestão e orientação educacional.

Desejo me encontrar neste vasto universo que é a pedagogia, desejo que os olhares sobre a nossa profissão sejam diferentes, olhares de bondade, e desejo também que possamos continuar transformando vidas, proporcionando encontros com outros universos. A educação é capaz disso!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil** – Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares**. Disponível em <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wpcontent/uploads/Literatura-infantil.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2017.

BARBIER, Renné. **A pesquisa-ação**. São Paulo: Liber Livros, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC, 1997
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em 07 nov. 2018.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 10ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1990.

DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. São Paulo: Ed. Mediação, 2008.

GREGORIN FILHO, Jose Nicolau. **Literatura infantil em gêneros**. 2012

MACHADO, Ana Maria; ROCHA, Ruth. **Criando histórias, formando leitores**. Editora: Papyrus 7 Mares, 2011.

OLIVEIRA, Paula Gomes. As narrativas na escola: crianças que vivem entre ratos e bruxas. In SILVA, K.O; VIEIRA, D.C.S.C; OLIVEIRA, P.G. (Orgs.). **Infâncias, Histórias e Emoções: processos imaginativos em narrativas de crianças**. Curitiba, PR: CRV, 2018.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Manifesto por um Brasil Literário**. Disponível em <<http://www.brasilliterario.org.br/manifesto/o-manifesto/>>. Acesso em 21 mar. 2017.

REY, González. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Thomson/Pioneira, 2002.

SANDRONI, Laura Constância; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

SILVIA, K. O.; VIEIRA, D. C. S. C ; OLIVEIRA, P.G (Orgs.) **Infâncias, histórias e emoções: processos imaginativos em narrativas de crianças**. 1. ed. – Curitiba, PR: CRV, 2018. 152 p.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.